

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO V

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1918

Nº 60

Grupo mantenedor: B. Klinger, Pompeu Cavalcanti, Pantaleão Pessoa, (redactores); Souza Reis, Maciel da Costa, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Leitão de Carvalho, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Newton Cavalcanti, J. Ramalho.

SUMMARIO

PARTE EDITORIAL

Culto aos regulamentos como base da educação militar e dictame da disciplina. Má vontade, vulgo inexequibilidade.
Nada produzem o pedantismo e a chicana. —
Os concursos na Escola Militar e os programmas de ensino.

PARTE JORNALISTICA

Notas sobre a organização militar.	Gen. Mendes de Moraes
Lei de mobilização.....	1º Tte J. de Godoy
A doutrina de guerra e o Estado Maior.....	1º Tte Sylvio Schleder
Reconhecimentos.....	Tradução
Commando de tropa em gabinete.	Capitão Lima e Silva
Instrução de combate.....	Capitão Souza Reis.
Caçada da Lebre.....	Tte Barbosa Monteiro
O Regulamento de Equitação.....	Ttes Lima Mendes e E. Figueiredo
A reconstrução da fortaleza de Santa Cruz.....	Capitão Jansen Tavares
Fogo ceifante na artilharia.....	Capitão B. Klinger
Cuidados com a saúde.....	1º Tte Maciel da Costa

NOTICIARIO

A influencia das armas de fogo sobre a tactica e a instrução da infantaria — Projecto de regulamento p^a os serviços do exercito em campanha — Agradecimento — Os progressos da "A Defeza Nacional" — Publicações recebidas — Expediente — Publicações do Curso de Aperfeiçoamento — Regulamentos em vigor — Memorandum.

PUBLICAÇÕES DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

À venda na Papelaria Macedo

Rua da Quitanda 74

Rio de Janeiro

Instrucção de Combate do Atirador, da fila
e da esquadra:

1º fasciculo (2ª edição).....	1\$000
2º fasciculo (tiros de combate).....	1\$500
Serviço em Campanha (Vanguarda, postos avançados, serviço á noite) um vol.	1\$500
Themas tacticos de companhia, trad. do 1º Tenente Alcoforado, um volume.	2\$000
Guia para a instrucção do batalhão de infantaria, trad. do 1º Tenente Alco- forado, um volume	2\$500
Licções de Historia Militar, pelo 1º Te- nente José Joaquim de Andrade, um volume	3\$000

«A Defeza Nacional» acceita encommendas,
de **pagamento adeantado** Não esquecer o porte.

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, POMPEU CAVALCANTI e PANTALEÃO PESSOA

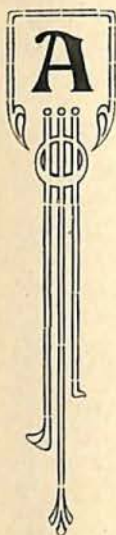
N.º 60

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1918

Anno V

PARTE EDITORIAL

Culto aos regulamentos como base da educação militar e dictame da disciplina. Má vontade, vulgo inexequibilidade. Nada produzem o pedantismo e a chicana.



iniciativa é, sem duvida, uma das qualidades mais necessarias ao soldado, mas — é dispensavel proval-o — ella deve ser adequada e opportuna, isto é, exercida dentro de justos limites (R. E. I. 305.)

O amor que entre nós se nutre por essa qualidade é bem conhecido e não raro se o leva a exageros tão perniciosos como a sua ausencia, o que é principalmente devido á notoria falta da moderadora responsabilidade effectiva, arbitra serena dos «justos limites».

Diariamente lemos e ouvimos as maiores condemnações á disciplina passiva e, requintando nesse intento, chegamos a depreciar as providen-

cias e correctivos tendentes a desenvolver o habito de cumprir exacta e silenciosamente as ordens legaes e as prescripções regulamentares.

A' sombra de uma iniciativa assim interpretada brotará a indisciplina pedantesca que substitue «a obediencia pela pretensão de saber melhor.» (R. E. I. 334, fim do 2.º periodo.)

Esta modalidade da indisciplina é das mais perigosas, pela confusão que estabelece, pela difficuldade no constatar o seu flagrante e pelas suas consequencias, pois a repressão espera casos de maior evidencia e gravidade, as mais das vezes originarios de falsa convicção. A educação e o exemplo, em algumas das nossas casernas e institutos de ensino, conduzem áquella falsa interpretação da iniciativa.

Ao commando compete acção preventiva contra os seus effectos, acção que só é valiosa quando acompanhada do exemplo. Os seus actos

e as suas opiniões fundamentam os actos e as opiniões dos subordinados, desenvolvem ou reprimem tendencias e, chefes estimados ou poderosos formam, não raro, escola das suas idéas, vencendo ás vezes para gaudio seu e para desgraça dos seus discipulos, dos seus successores e dos interesses confiados á sua guarda.

Tratando-se de um povo como o brasileiro, que da sua felicidade só aprendeu até hoje os liberalissimos principios que circumscrevem os seus direitos, os actos emanados de qualquer autoridade, congresso ou presidente, general ou ministro, juiz ou prefeito, delegado ou guarda, são encarados com duvida e repugnancia, desde que delles não transpareçam a razão legal, a equidade e a necessidade.

Actos ou leis visando transformações futuras, correcção de tendencias, guerra á rotina perniciosas, formam, pela ignorancia, correntes de opinião tão volumosas que acabam vencendo os proprios autores.

As leis que amparam ou favorecem individuos ou corporações fanatizam os interessados, mesmo quando incompletas ou quando lhes dêem só uma parte dos seus direitos; ellas são bem conhecidas e rigorosamente exercitadas. As que formulam deveres só são lembradas pela fiscalisação ou por interesse passageiro.

Dentro desta convicção as autoridades encaram com má fé todas as medidas que não tragam a nú o interesse que dominou os seus advogados e, si não o descobrem, apellam para a ambição de mando, a vaidade, etc.

Mas ninguem pode defender interesses nacionais sem leis adequadas, porque, nesse caso, todos sentem que está perfeitamente inoculado no seu espirito o preceito constitucional de que a subordinação só é digna, dentro dos limites da lei.

Para os interesses pessoases sim, desde que a lei não prohiba.... tudo está bem e vae constituindo precedente para conquistas futuras.

Estas idéas precisam ser intelligentemente deslocadas para o seu lugar e convenientemente — patrioticamente — aproveitadas. E' muito digno,

é mesmo o ideal para que devemos tender, o dominio absoluto da lei, da lei que deve ser observada por todos, da lei que em si dignifica todos os principios, da lei que faz a disciplina e transforma os povos.

Em materia technica militar a lei se expande, desce a detalhes, regula a execucao de tudo que é essencial e que transforma um soldado ou uma unidade em uma porção determinada de energia, elemento fundamental para a previsao.

A lei se dissolve nos regulamentos militares, firmando as vantagens da uniformidade de accao e traçando sob o aspecto dos processos de execucao e dos effeitos, o que de melhor se pode concluir para a época. Esses regulamentos evoluem, sempre sob razoes fundadas e valiosas, nunca pela inconstancia dos que os confeccionam ou executam. Elles têm a virtude de exprimir o limite minimo da probidade daquelles a quem cumpre executal-os e fiscalizal-os e os limites razoaveis da educao uniforme da massa dos homens que devem ser enquadrados no momento da luta.

Por isso, enfeixando o regulamento o conjunto das regras e principios proprios para que os homens, com o material de uma dada epoca, obtenham o maximo resultado em determinado sentido, elle deve ser estudado, seguido e fiscalizado á risca, sem a menor discrepancia. Todas as suas prescrições são particulas da lei soberana, intangivel na sua vigencia.

Isto é bem conhecido mas pouco applicado. Em grande parte, sem duvida, porque se tem visto — o que é devéras lamentavel — que os poderes competentes adoptam prescrições leaes ou regulamentares sem o firme proposito de exigir toda a sua realisacao pratica, sem a consciencia de que reuniram todos os preceitos necessarios para evitar a burla, sem a convicção de que uma lei ou regulamento só pode ser promulgado ou publicado depois que a meditacao sobre o novo contingente de idéas tiver aconselhado a sua execucao integral.

E qual será a consequencia dessa frouxidão?

A tendencia dos subordinados a esperarem para o cumprimento de uma lei ou ordem, um novo acto que lhes diga que aquella é mesmo para ser cumprida.

Como confiar nos effeitos de uma lei que, tem-se por certo, vae ser alterada ao sabor dos seus executores ou fiscalisadores? Onde está a sua sancção?

Não seria, entretanto, mais util e mais productivo que se aprimorasse a execucao, observando os defeitos para pedir, licitamente, modificação ás autoridades competentes?

Mesmo que se esteja em presenca de más autoridades, não será mais perigoso permittir o

arbitrio, admittir varios pesos e medidas e consequentemente favorecer a indisciplina?

A desobediencia a um preceito regulamentar não será tão grave como a desobediencia a uma ordem qualquer?

Não terá o subordinado direito de, por sua vez, não executar qualquer prescripção fóra dos regulamentos por consideral-a illegal?

E os chefes que desrespeitam os regulamentos terão o direito de exigir que se cumpram á risca instrucções que para orientar qualquer serviço elles entendam formular?

Os executores destas não poderão alegar em seu favor a mesma divergencia que desviou os chefes?

Parece que, por todos os motivos, devemos estabelecer o culto pelos regulamentos, de serviços ou tacticos, sem com isso absolutamente impedir que, fóra da sua execucao, cada um lute pelo aperfeiçoamento delles.

Assim lançaremos uma semente propria para todos os terrenos, um principio de educao que se reflectirá em todas as camadas sociaes, em todos os serviços.

Em summa, o culto aos regulamentos é a base da educao militar, é o fundamento da disciplina que dignifica o soldado transformando-o em elemento respeitavel da defesa nacional.

O bello corpo de regulamentos que estão sendo adoptados reforça todas as considerações que possamos adduzir sobre o assumpto e pede a collaboração de todos os que têm fé, para que ajudem o seu exame e façam o seu julgamento — porém com a autoridade que só a sua fiel applicação póde dar — impedindo que lhe dêem uma culpa em cada unidade e cada unidade o castigue a seu modo.

*
* *

Uma das pretensas razoes que a incompetencia ou má vontade, em geral inseparaveis, allega para não cumprir e desacreditar os regulamentos é a da «inexequibilidade». E' uma desculpa commoda, realmente, mas tem o grave defeito de ser fragil, e que na melhor das hypotheses, tratando-se de executores cuja competencia seja reconhecida, revela apenas uma deprimente má vontade, uma degeneração do espirito conservador em instincto de commodidade. E este aspecto é o que explica o alastramento facil da «theoria da inexequibilidade»: com o seu exagero intrinseco, leviano e audaz, applicado ás minimas imperfeições, de detalhes ou de futilidades, inevitaveis em obra humana, ella trabalha na sua obra: impedir a ordem e retardar o progresso.

Nada como alguns exemplos para illustrar.

Si o regulamento da escola militar diz que o ensino da physica comprehende conhecimentos essenciaes de thermologia, electrologia e photologia, precedidos de noções de mecanica; que deve esse ensino ser dado em quatro mezes, e que se trata de ministrar *conhecimentos indispensaveis ás applicações de ordem profissional, intelligentemente escolhidos e revelados em caracter eminentemente experimental*; e si um professor, com liberdade injustificavel, desprezar o problema regulamentar para organizar outro, o de ministrar *noções theoricar de mecanica seguidas* unicamente de uma parte da thermologia, certamente não agiu forçado pela inxequibilidade: revelou a sua insubordinação ao espirito do regulamento, seja por culposa má vontade, seja por incompetencia para escolher a materia e enquadrar-a no tempo disponivel.

Si na mesma escola o professor de historia militar entender que o titulo da aula está errado e que o seu dever é ensinar, em quarenta lições, uma pessima e complicada historia geral do Brazil, onde nem ao menos o alumno ficará conhecendo a razão desse estudo para fins militares, deve-se considerar o regulamento *inexequivel*? Não: deve-se reconhecer que elle foi *inexcutado* por incompetencia ou má vontade e por falta de fiscalisação e de responsabilidade.

E, não sendo admissivel que o Conselho de Instrucção, o Inspector de Ensino e o Chefe do Estado-Maior tenham approvado semelhantes programmas, insubmissos ao espirito e á letra do regulamento, deve-se concluir tambem que é inexequivel o art 8.º do R. E. M.?

Se na tropa, em vez da divisão dos instruen-dos em *turmas* onde o ensino seja ministrado por graduados, sargentos ou aspirantes sob a inspecção de um official, como racionalmente preceitúa o R. I. S. G. em seu art. 31, se emprega a obsoleta centralisação, a *instrucção em massa*, dada por um só instructor a todo o pessoal da mesma classe na companhia, esquadrão ou bateria, e se em consequencia d'isso o resultado colhido fôr insignificante, deve-se d'ahi concluir que o R. I. S. G. é inexequivel? Ou será que não se cumpriu intelligente e sinceramente nem este nem os outros regulamentos ligados ao caso?

O mesmo se verifica em muitas outras leis, decretos, regulamentos e avisos.

A simples adopção de medidas, sem interesse pela sua execução, pouco adianta; nem se justifica o desinteresse pela facilidade que se tem visto em serem taes actos seguidos de perto por outros que, a pretexto de esclarecer ou detalhar, os alteram mais ou menos profundamente e até revogam.

Precisamos tratar de cumprir sinceramente os regulamentos em todos os detalhes, por menores que se nos afigurem.

A sua hermetica fuge dos moldes da bacharelize incipiente: ella deve ser fundada na bôa fé, na competencia e no patriotismo.

Só a applicação integral do estabelecido poderá apontar as correções necessarias; ajuizar antecipadamente quando não se experimentou com plena deliberação de attingir o objectivo colimado, é um erro e um vicio prejudicial.

Precisamos admittir como factor constante na applicação de regulamentos, etc., que essa alta manifestação da autoridade corresponda a intuitos e fins necessarios, para o que devemos applicar uma hermeneutica adequada, impedindo que prosigamos na confusão de regulamentos com romances, leis com sonetos e lendas com decretos.

Si tivermos presente que nos regulamentos, decretos ou leis militares ha sempre **interesses nacionaes** e si admittirmos (*com certa benevolencia!*) que esses interesses merecem a mesma attenção que os direitos dos individuos que os executam, com certeza resolveremos **proteger a Nação**.

O progresso do Exercito será grande quando o pedantismo e a chicana forem varridos das escolas, dos quartéis e das administrações, para serem substituidos pelo trabalho confiante e modesto, e pela justa interpretação das leis, decretos e regulamentos; ahi desaparecerão a desconfiança, o desanimo e a indifferença, sinão transparente má vontade; ahi estará fundada a mais segura e invejavel disciplina.

Os concursos na Escola Militar e os programmas de ensino

A inscripção para os concursos de instructores e seus auxiliares na Escola Militar (commandantes e subalternos das unidades) teve um exito muito superior ao da inscripção para as quatro primeiras cadeiras de ensino theorico.

Emquanto para estas a inscripção quasi se limitou aos detentores actuaes das cadeiras, para os cargos de instructores se inscreveram muitos officiaes da tropa, dentre os quaes ha nomes que são uma garantia para o exito da instrucção pratica, desde que não lhes falte o material indispensavel e o apoio ao esforço de que são capazes.

Está esboçada uma phase de progresso para a Escola Militar, tão estimada em outros tempos, reduzida a um grande periodo a um instituto que tinha por fim justificar descabidos privilegios de trabalho e remuneração para

quem tivesse um bom padrinho, tratada ás vezes com lastimavel indiferença pelo alto commando e, por ser a nossa unica escola militar, sempre tão digna de interesse, de fiscalisação rigorosa, de preferéncia em todas as suas necessidades e do amor de todos os que desejarem uma perfeita organisação armada.

Estamos certos de que a nova phase em que entra o ensino militar se caracterizará por uma lucta digna pelos interesses da escola, pois não sendo mais necessario bater ás portas do Congresso para obter privilegios e dinheiro, os membros desse instituto de ensino não vacillarão em fazel-o para conseguir o material de ensino, uma installação compativel e até os profissionaes estrangeiros que se tornem indispensaveis para, ao lado dos professores, realisar o ensino theorico-prático, coisa que ainda não se inaugurou.

Desejamos que, o contingente de esforços levados á escola militar pelos novos docentes se manifeste não só atravez da precisão dos seus ensinamentos, mas também atravez de uma lucta sem treguas, paciente e enérgica, realizada atravez dos regulamentos dentro do meio militar e atravez do seu prestigio, da sua competencia e da sua constancia, em qualquer ponto d'onde possa vir a solução desejada.

Estaremos sempre na liça para realçar e lembrar o valor dos que luctarem para a consecução desse ideal que tão grandes resultados trará para o Exercito e teremos sempre abertas as nossas columnas para auxiliar mais essa cruzada que passará aos vindouros como um ensinamento, pois esperamos que ao estudal-a passem de admiração ante a persistência dos que pedem um labor proveitoso e a resistencia daquelles que se deviam anticipar nas providencias e na punição dos que transgredissem esses *hoje* desejos.

*
* *

Ainda não conhecemos os programmas de que trata o art.º 8.º do R. E. M. n.º 70 e muito folgariamos si elles fossem impressos e facultados ao exame de todos os que se interessam pelos destinos da Escola Militar. Nelles estamos confiando, como unico meio para forçar a interpretação do regulamento actual que, escoimado de alguns erros e do *schematismo conservador*, está destinado a produzir um grande progresso na instrução militar.

Si esses programmas forem intelligentemente estabelecidos e melhor fiscalisados, veremos, dentro em pouco, que a apregoadá inxequibillidade do regulamento actual ficará reduzida a meras difficuldades de installação e numero de alumnos, postas ao lado de algumas faltas materiaes e da modificação de inveterados habitos dos que já se consideravam proprietarios da Escola.

Art. 7.º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

Notas sobre a organisação militar

Inedito, do General Luiz Mendes de Moraes (*)

A organisação militar de um paiz é uma necessidade imposta pela lei da propria conservação.

Apesar do alto gráo de civilisação a que tem attingido as sociedades modernas; apesar do extraordinario progresso verificado no vasto dominio (em todas as manifestações) da sciencia e da arte — é facto que uma nação não encontra garantia para os seus direitos soberanos se não na força material de que póde dispor.

Esta doutrina, consagrada aliás pelos proprios tratadistas de direito internacional, e outros pensadores, foi synthetizada de um modo muito expressivo neste aphorismo de von der Goltz: «Só gosam de verdadeira segurança as nações constantemente preparadas para defender a sua independencia com a espada em punho». De onde decorre para um povo o dever imperioso de munir-se de *um instrumento* de legitima defesa capaz de fazer face, não só ás crises de character intestino, como principalmente ás situações oriundas de um desequilibrio nas relações internacionais.

Este *instrumento* é obra pura e exclusivamente da organisação militar e symboliza-se no exercito de terra e mar, tomado em sua mais ampla accepção, isto é como a expressão de todas as forças. Ella elabora esse instrumento *sui generis*, adaptando-o ao objecto da sua missão e o apresta convenientemente, facultando-lhe os necessarios meios de acção.

Tal é portanto o papel assignalado que cabe á organisação militar no problema da defesa nacional; tal a sua utilidade immediata, traduzindo-se na formação de um exercito que, pelo conjuncto dos seus caracteres, deve ser a representação fiel e genuina dos altos predicados da nação.

Por outro lado, attendendo que o exercito vasado neste molde constitúe um poderoso elemento de educação nacional

N. da R. — Este trabalho foi escripto em 1906, precedendo um estudo critico sobre um projecto de organisação militar, elaborado por uma commissão de officiaes do exercito nomeada pelo ministro da guerra marechal Argollo. As considerações feitas pelo illustre extincto tornam-se hoje mais interessantes: admira como ainda estamos pouco avançados da situação que o autor lamenta!

pela influencia que exerce nas faculdades physicas e moraes do povo — retemperando as qualidades varonis, apurando as virtudes civicas e o sentimento de ordem e disciplina — resulta dessa circumstancia, nova e consideravel vantagem decorrente da organização militar. Por intermedio deste agente vivaz e communicativo, ella actua na constituição social, ao mesmo passo que, dando ao organismo militar um cunho verdadeiramente nacional e conservador, estende tambem a sua acção á propria esphera politica, assegurando por laços estreitos e indissoluveis a unidade da patria.

Ora, só a consideração destes attributos de tão elevado alcance politico-social basta de certo para recommendar altamente a organização militar e acreditar-a como uma obra que interessa intimamente á constituição da nacionalidade, maxime quando se trata de paizes novos e ainda em periodo de formação, como o Brazil.

Mas, ainda não é tudo. Para completar o quadro, accrescente-se que uma boa organização militar é na realidade a pedra angular do estado de paz, por isso que implica necessariamente a preparação para a guerra... (1) Nos dominios do direito puro, qualquer aparelho constituido em prol da paz é precario e, segundo fundadas previsões, não terá jamais a necessaria efficacia para alcançar a consagração pratica em todos os casos de litigio internacional. De sorte que, em ultima analyse, sempre se verifica que o famoso aphorismo — *Si vis pacem para bellum* — exprime um conceito de sempiterna verdade e deve por esse motivo constituir o lemma dos povos avisados.

São muito respeitaveis sem duvida os generosos sentimentos que animam a humanidade nos seus tentames relativos á paz, que é incontestavelmente um estado de ineffavel felicidade para os povos; mas, apesar disso, e mesmo ante as tendencias manifestadas por varios Estados em prol de uma situação de cordialidade internacional, não se pode dissimular que a falta de sancção para as decisões fundadas no direito das gentes deixa transparecer a fragilidade de taes concepções e explica a inefficacia dos esforços nesse sentido empregados.

(1) E' com razão, pois, que o notavel estadista americano, Sr. Th. Roosevelt, adverte que a paz só é uma deusa quando está de espada ao lado.

«Logo após a installação solemne do congresso de Haya, diz Gilbert, os appetites anglo-saxonios desencadearam-se com triumphante impudor, não se importando com o processo da arbitragem nem com o código elaborado paciente e dogmaticamente por este augusto Tribunal, o significaram desdenhosamente á Europa resignada — á Europa que tudo permite aos poderosos e que ainda ha pouco se fez surda ás legitimas reivindicações da Grecia, aos clamores dos armenios agonizantes».

De onde se infere que «a guerra sul-africana, como pondera o autor, tendo occorrido depois da guerra das Philippinas, constitue uma brutal e derradeira replica ás utopias de arbitramento e de paz universal».

E' verdade que, segundo demonstra a historia contemporanea, o estado de guerra já não é, como outr'ora, o estado normal da humanidade; mas a despeito da relativa diminuição observada na frequencia dos conflictos á mão armada, não é licito contestar que o numero de casos registados ainda é muito consideravel em relação ao gráo de adiantamento do espirito humano.

Basta dizer que, por um contraste de pungente ironia, o seculo XIX, justamente appellidado *o seculo das luzes*, graças ao progresso que o caracteriza — não se distingue menos pelas guerras que testemunhou.. e d'entre essas as mais tremendas de que ha memoria. Assim, desde a epopéa napoleonica, que raiou sob o ceu da Italia em 1796 e teve o seu epilogo no theatro sinistro de Waterloo em 1815, o facho da guerra não deixou de abraçar o mundo, ateando de tempos a tempos focos gigantescos, que produziram as conflagrações conhecidas na historia sob os nomes de — guerra da Criméa, da Italia, da Secesão, do Paraguay, da Bohemia, Franco-allema, do Pacifico, Russo-turca, Hispano-americana e finalmente em 1900 a 1901 a lucta homérica do Transvaal, que estabelece um vinculo de sangue entre os dois seculos.

A aurora do seculo XX não parece sorrir ao successo das idéas generosas... Os presagios que denuncia nas tristes alternativas do seu alvorecer, ora empallidecendo como no Transvaal para allumiar como um cirio funerario o sacrificio de um povo de heróes amortalhado na bandeira da sua independencia, ora tingindo-

se de estranha purpura aos rubros clareões do formidável canhoneio da Mandchuria, tanto quanto nos recentes conflictos italo-turco e dos Balkans, são antes de natureza a entibiar as esperanças dos que sonham na paz universal...

Para contrastal-as, com effeito, falam bem alto — em que pese aos optimistas — não só os argumentos oppostos pelos factos em sua brutal eloquencia, mas também o accordo dos sabios cultores do direito internacional, cuja opinião, baseada na clarividente apreciação dos phenomenos sociaes, pode resumir-se nesta rigida sentença: «Seja como fôr, na phase actual de civilização a guerra é uma necessidade indeclinavel, porquanto ainda não ha possibilidade de substituil-a por outro processo que satisfaça as exigencias da razão». (2)

Assim, se a guerra é uma fatalidade inherente á condição das sociedades humanas, resulta que a preparação para a guerra é um dever que se impõe a todos os Estados; pois é de principio que nenhuma nação pode permanecer inerte, deixando os interesses da sua defesa ás vicissitudes da fortuna ou á mercê dos acontecimentos.

Por consequencia, os homens de Estado, que têm por dever supremo velar pela segurança e integridade da patria, são obrigados *ipso-facto* a organizar e manter a força necessaria para a satisfação desse magno *desideratum*, e faltarão irreparavelmente á fé do seu mandato se por sua imprevidencia ou incuria a nação se vir reduzida á impotencia no momento em que fôr chamada ás armas em defesa da sua soberania.

E é seguramente ao influxo de taes idéas que em todos os tempos, e hoje mais do que nunca, este assumpto tem sido objecto de geral preocupação, merecendo justamente a solicitude dos homens publicos em todas as nações civilizadas.

Obedecendo ás suggestões do patriotismo, os Estados modernos se empenham cuidadosamente em regenerar as suas forças militares, procurando mantel-as sempre a par do progresso e ao nivel da sua ardua missão.

Neste incessante labôr, elles aperfeiçoam e fortalecem o seu apparelho defensivo, provendo a força necessaria para

agir efficazmente no sentido da defesa e ao mesmo tempo para lhes assegurar a consideração e o prestigio na sociedade internacional — consciuos de que, neste dominio, o valor de uma nação mede-se pela solidez do seu systema militar.

Não se póde, todavia, obscurecer que em alguns paizes dotados de forte organização militar se levantam frequentes clamores contra tal ordem de cousas, o que á primeira vista póde dar logar á supposição de que semelhantes manifestações traduzem um ataque ao *principio* propriamente. Entretanto assim não é, pois o conhecimento exacto do caso mostra que a reacção só se pronuncia contra o exagero na applicação do *principio* — exagero de que resulta, como na Allemanha e na França, um poder militar formidavel que, absorvendo grande parte dos recursos nacionaes, em homens e valores, exerce profunda perturbação na economia social.

Trata-se portanto ahi de um movimento de character restricto, visando uma justa attenuação do systema, uma minoração dos onus enormes que opprimem os povos — sem affectar porém o principio que na essencia permanece illeso, porque, sendo a expressão de uma necessidade ineluctavel, é ao mesmo tempo fonte de fecundos resultados.

Entretanto, pesa-nos reconhecer que, máo grado o movimento geral de reconstrucção militar, o Brazil — constituindo uma excepção entre os paizes que tem assento no conselho das nações civilizadas — permanece indifferente e apathico, sem attender que o problema da organização militar é uma verdadeira questão nacional, que reclama instantemente uma solução condigna.

E' verdade que, de tempos em tempos, quando aqui ocorre um facto de character internacional que emociona a opinião, como entre outros o recente caso do Acre, os animos se agitam inquietos e impressionados pela fraqueza e deficiencia do nosso systema militar, pronunciando-se com vehemente energia contra tal situação que, alem de expôr a serios riscos a defesa do territorio nacional, redundando em descredito para o paiz, empanando o seu prestigio perante os Estados estrangeiros.

Então, sob o accesso da nevrose, manifesta-se uma corrente forte no sentido da

(2) Conselheiro Lafayette R. Rereira — *Principios de direito internacional*.

reforma radical do systema... mas o phenomeno é por natureza ephemero: passados os estos da crise, tudo se esvae como um sonho, consoante a volubilidade do nosso temperamento... senão as nossas tendencias fatalistas.

Depois, ... emquanto não vem novo sobressalto, as cousas continuam no seu andar penoso e dolente, caminho da decadencia...

Em remate, devemos advertir que não é o nosso intuito fomentar o militarismo ou coisa que se lhe assemelhe... Nem mesmo acreditamos que alguém o pretenda sinceramente.

O militarismo é um caso teratologico; é o consorcio impuro do systema militar com o politico, abastardados pela degenerescencia: é o consorcio de duas aberrações... Esse funesto connubio tem por effeito transformar o exercito em mero instrumento politico, incapaz da sua nobre missão, e tendente antes a ser o algoz de sua nação do que a força destinada á sua defesa.

Conhecemos de perto esse monstro pelas suas manifestações nos povos latinos do Continente Americano, e acabamos de testemunhar os seus maleficios na Grecia e na Turquia, que se sentiu na impotencia e a ponto de ser esphacelada pelo estrangeiro.

Pode-se aliás affirmar que o espirito de casta, que desse connubio se origina, não encontraria terreno para medrar em um paiz como o nosso sem tradições oligarchicas e onde é tão intenso e vivaz o sentimento democratico. Seja como fôr porem, é força convir que em qualquer hypothese e ainda mesmo no dominio theorico, o espectro deste monstro é de natureza a provocar o clamor publico numa condemnação unisona.

Portanto, se preconisamos a organização militar é pelo facto de reconhecermos que, sobre ser uma necessidade indeclinavel, ella concretiza, conforme apontamos, um conjunto de beneficios para a nacionalidade brasileira. E como taes beneficios só podem ser reaes no caso de um exercito verdadeiramente nacional, moldado pela concepção moderna, que funda o poder militar na massa geral da nação, excluindo *ipso-facto* todo o vislumbre de espirito de casta, basta a enunciação deste pensamento para deixar patentes os sentimentos que nos inspiram.

Lei de mobilisação

Projecto Dorval Porto

Nenhum dos projectos sobre coisas militares apresentados este anno no Congresso sobreleva, ou mesmo egual, em importancia ao do Sr. deputado Dorval Porto, sobre a mobilisação.

O representante do Amazonas pode orgulhar-se de estar se batendo por um problema que, só por si, é motivo para beneemerencia, por ir ao encontro das necessidades da defesa nacional.

Não me dirijo aos camaradas do exercito, nem mesmo aos que acabam de sahir da Escola Militar, todos conhecedores do valor e da urgencia na solução desta magna questão: dirijo-me aos homens publicos a cujas mãos está entregue o projecto e de cujo patriotismo depende a aprovação d'elle.

— A mobilisação é a operação pela qual se passa, subitamente, do effectivo de paz ao de guerra, o que se obtem pela incorporação de reservistas, isto é, de homens que tenham recebido instrucção militar.

Todo o trabalho para a preparação de reservistas, todo o sacrificio para obtenção da nação armada, resultarão em pura perda se não dispuzermos de meios que permitam essa incorporação.

Os reservistas são feitos tendo em vista a mobilisação e nunca por uma simples questão de moda. Mas para mobilisar methodica e rapidamente, necessario se torna a existencia de um regulamento, onde tudo esteja esclarecido.

As autoridades militares podem elaborar os melhores regulamentos e elles permanecerão letra morta si não se basearem em lei: porque não é possivel ao Estado Maior crear obrigações para funcionarios publicos civis, cujo concurso seja indispensavel á mobilisação.

Dahi a urgente necessidade de ser transformado em lei o projecto de que me occupo, para que não sejamos apanhados sem recursos, 53 annos após os ensinamentos do Paraguay, si só quizermos exemplo de casa.

A mobilisação precisa ser muito bem regulamentada, de modo que tudo esteja previsto em seus menores detalhes. E sobre o regulamento que podemos estabelecer o plano a ser executado, suavemente,

no momento opportuno, sem choques, sem perda de energias.

A França, em 70, tinha reservistas e possuía regulamento de mobilisação; mas só a deficiência deste deu origem ao quadro sombrio que os escriptores militares apresentam ás nossas vistas. Os reservistas andaram de um lado para outro em busca dos depositos e de suas unidades; as garças se entulhavam de homens, que a desordem tornara indisciplinados, a pedirem esmolas; e, 22 dias após a convocação, no momento em que começaram as operações, os corpos só dispunham de metade dos effectivos calculados.

Ora se um regulamento máo leva a semelhante situação, imagine-se o que não succederá quando se quizer inventar serviços á ultima hora.

Vejamos agora, como se passariam as coisas entre nós se fossemos levados a uma guerra e dispuzessemos de uma lei de mobilisação.

Os reservistas, entregues a seus labores, espalham-se por todo o paiz, desde as capitães aos mais longinquos sertões.

Quem lhes dará conhecimento da passagem do pé de paz ao de guerra; quem os reunirá, alojando-os, mantendo-os, e quem lhes fornecerá os meios de transporte para designados pontos?

Apparece ahí a primeira autoridade, que vive em contacto com os reservistas, que os tem relacionados, que sabe onde elles residem e que possui instrucções sobre a conducta a seguir no caso de guerra: o *presidente da junta de alistamento e mobilisação*, que é o chefe do executivo de cada municipio (districto).

Reunidos os reservistas no tempo calculado, denunciando os que se tenham furtado ao dever, o *presidente* da junta de alistamento os encaminha para as capitães dos Estados. Ahí o *chefe do serviço de recrutamento e mobilisação* os recebe, fornece os meios de subsistencia e alojamento, distribue os reservistas pelas unidades existentes ou os dirige para a Região que os distribue pelas armas, pelos serviços ou pelos depositos.

Dar-se-ia, como procurei mostrar, um movimento regular da periferia para o centro, isto é, dos districtos ao Exercito, na maior ordem.

Os municipios devem constituir filetes dagua que, reunindo-se na *circumscripção*, formam a torrente, engrossada na Região, para se transformar na caudal

immensa, que é o Exercito Permanente, augmentado de effectivo e accrescido de novos serviços.

Ora o projecto Dorval Porto permite isto e de modo feliz, porque aproveita o trabalho já feito para o serviço de alistamento, ao qual junta a incumbencia da mobilisação. São as mesmas regiões, as mesmas circumscripções, os mesmos districtos.

Foi, racionalmente, evitado o estabelecimento de uma outra burocracia e, consequentemente, de outra despesa.

Aliás, o serviço de alistamento já tem parte das attribuições, porque arrola os reservistas de 3.^a cathegoria, constituídos pelos individuos na idade do sorteio.

Si é uma verdade a La Palisse que a guerra pode surgir de um dia para outro, que não podemos saber até que dia gozaremos das delicias da paz, se é verdade que pode nos apparecer um adversario, pouco disposto a esperar que nos apparelhemos, despertando-nos pela aggressão, é crime não nos previnirmos para evitar que a patria seja maculada pelo pé de um invasor.

E, para conservarmos com dignidade o que os nossos antepassados nos legaram, cumpre aos homens publicos dotar o Exercito das leis de que elle precisa para sua efficiencia.

1º Tenente J. de Godoy.

N. da R. — Reforçando as considerações do autor poderíamos lembrar todas as difficuldades que tem surgido na execução do sorteio onde, commummente as autoridades civis mostram-se indifferentes ás attribuições que lhes foram designadas, apesar de existir lei que as prescreva e puna os relapsos.

Até a presente data ainda se estão apresentando sorteados do anno corrente que não tiveram quem os avisasse da sua chamada e muito menos quem indicasse os meios de attender á lei.

Imaginem o que se daria si a lei não prescrevesse o auxilio das autoridades civis?

Para julgar das difficuldades e da complicação de taes problemas entre nós, basta lembrar que, até hoje, não se conhece a população da Capital Federal!...

Si não promulgarem uma lei que previna minuciosamente todas as necessidades da mobilisação, seu regulamento e todos os estudos sobre ella baseados, podem ser recolhidos ao museu. Mas, descansem os leitores, teremos a lei, mais exigente do que a apresentada, votada ás pressas ... depois da porta arrombada.

E' da nossa indole ... e os conservadores (?) ainda são muitos.

Os extravios causados por falta de communição opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

A doutrina de guerra e o Estado Maior

Os pequenos progressos que d'uns tempos para cá temos feito no exercito e na marinha revestem-se infelizmente de um caracter dispersivo. Pode-se dizer que muitas forças actualmente exercitam-se a favor da causa militar mas de um modo inharmonico, sem obedecerem a um mesmo plano — o que era, de todo ponto, indispensavel.

De facto, todos os trabalhos, todas as iniciativas, todos os regulamentos deviam subordinar-se a um mesmo pensamento director — fructo das soluções a que tivéssemos chegado de nosso problema militar.

Os objectivos finaes da guerra são mais ou menos identicos em todos os paizes; os meios, porem, de que se lança mão para attingil-os, bem como a conducta a adoptar-se variam muito de um estado para outro, deste para aquelle theatro de operações.

Por consequencia cada paiz tem o dever de estudar maduramente o seu caso, resolver o seu problema e estabelecer seu plano de guerra consoante a situação geral em que se acha.

Em outras palavras, cada estado carece de estabelecer solidamente sua doutrina de guerra, dentro da qual deverão ser resolvidas todas as questões a ella referentes, desde a organização até seus objectivos finaes.

Quaes são as forças que nós teremos de combater? Quaes são as aggressões mais provaveis e imminentes? Qual o territorio em que a luta se desenvolverá? Quaes os recursos bellicos que teremos provavelmente de enfrentar? Qual o pensamento politico, estrategico e tactico dominante entre nossos provaveis inimigos?

Estudadas maduramente, aprofundadas essas questões é que resulta em definitivo o plano que devemos seguir, sem delle nos afastarmos uma linha, firmando no seio de todo o Exercito de terra e mar os principios basicos de nossa organização e conducta da guerra.

A situação politica dos estados, sua posição geographica em relação aos seus vizinhos, os recursos de suas industrias, as tendencias de seu commercio, as questões politicas a resolver, o aspecto geral de sua topographia, sua população, seu espirito combativo, o de seus concorrentes commerciaes ou politicos, suas depen-

dencias internacionaes, são factores decisivos na elaboração dos órgãos militares de ataque ou defesa, bem como na determinação de seus objectivos geraes.

Se analysarmos a situação em que foram colhidas as differentes nações da Europa pela guerra que estalou em 1914, não nos será difficil verificar, pelos resultados posteriores, que nem todas ellas tinham chegado á verdadeira solução de seu problema militar. Na previsão de seus estadistas e de seus generaes não tinham sido contempladas todas as hypotheses essenciaes como base de sua preparação offensiva ou defensiva. D'ahi as crueis surpresas que tiveram de soffrer e os esforços inauditos a que foram arrastadas, já no curso das operações — resultado fatal do impatriotismo, talvez descaso, justamente daquelles que são responsaveis pela segurança e progresso dos povos que dirigem.

Não temos necessidade de desenvolver e detalhar o que fica dito; aprendámos, porém, n'essas duras e amargas lições alheias afim de que, ao chegar-nos tambem a hora dos grandes sacrificios em favor da Patria, não sejamos arrastados a perigos e desgraças ainda maiores.

Dizemos perigos ainda maiores por isso que não podemos nos comparar com a Inglaterra, França e outros paizes da velha Europa, nos quaes os recursos industriaes de todo genero de que dispõem, ainda permittio que, dentro de um lapso relativamente curto, fossem improvisados certos elementos bellicos de que careciam para fazer frente a uma situação de angustia e desespero.

Nós não estamos, como é sabido, nessas condições; de sorte que com mais forte razão devemos nos precaver e preparar para não sermos afinal reduzidos a uma fatal humilhação em situações congeneres ás em que se viram envólvidas as nações jogadas no duello da Conflagração.

Essa tarefa que nos occupa compete, quasi exclusivamente, ao estado maior de terra e de mar, assistido, como é logico, pela inspiração politica de nossos estadistas. O problema militar é, em toda parte, uma das soluções do problema politico ao qual se deve, portanto, subordinar. D'ahi se infere que nós temos necessidade de estudar preliminarmente nossa politica de guerra, ligando os ideaes do paiz com os meios e recursos de sua defesa. Só depois de liquidada «em todos os seus

aspectos» essa questão é que nos será dado estabelecer o problema militar — cuja solução determinará o feitiço organico de nossas forças de terra e mar e seus objectivos. Dentro destes objectivos e tendo em vista sua consecução é que devemos instituir as directrizes geraes de nossa conducta de guerra, organisando nosso programma militar e firmando a doutrina que mais nos convém. E tudo o que se tiver de fazer, no exercito ou na marinha, desde a organização até a preparação, desde a instrucção até a conducta da guerra: idéas, principios, instrucções, regulamentos, recursos bellicos, meios de acção, administração; deve subordinar-se a um tal programma, certo, homoganeo, indiscutivel.

Isso equivale a uma verdadeira collaboração de todos, a uma convergencia de esforços para um mesmo fim, á formação de um unico pensamento entre todos os elementos directores e de commando de nossas forças no continente ou no mar.

Tal harmonia, porém, só pode ser obtida pela acção de nosso estado maior. A elle é que compete a consecução desse magno objectivo — sem o qual tudo o que se fizer se resentirá no geral de uma prejudicial discrepancia, apesar da boa vontade e dos esforços parciaes em contrario. O estado-maior de um exercito deve ter crystallinamente assente sua doutrina de guerra e todos os seus trabalhos devem ser enquadrados dentro d'ella, harmonicos e obedientes ao mesmo pensamento dominante. Todos sabemos que seus trabalhos são variadissimos e complexos e, por isso mesmo de difficilima coordenação, sujeitos como devem ser a um paradigma organico definido. Mas é indispensavel que assim seja para que elle possa desempenhar-se das graves responsabilidades que lhe pesam.

E não pára ahí a premente necessidade dessa harmonia de esforços e de pensamentos: essa é a doutrina indispensavel á organização e preparação para a guerra; mas na propria conducta desta os mesmos principios dominam, de sorte que, desde o commando em chefe das forças em operações, através de todos os commandos inferiores e seus respectivos estados maiores, até o mais simples elemento de força estejam todos subordinados á mesma theoria, obedecendo á mesma concepção geral.

Von Bernhardi diz em sua excellente

obra «A guerra de hoje»: «O commando em chefe tem o direito de exigir que seus subordinados venham sempre ao encontro de seus desejos e se penetrem, sem reservas, do espirito de suas intenções e que não mantenham uma obediencia apenas formal. De outro lado, porem, *elle tem o dever incontestavel de agir, de modo que suas intenções sejam bem comprehendidas não só na paz como na guerra*»... «E' somente nestas condições que elle pode esperar attingir os fins grandiosos que tem em vista».

Para a consecução deste segundo objectivo — a harmonia de esforços na guerra — são indispensaveis alem da formação da doutrina de guerra no ponto de vista organico, a praticagem e os exercicios methodicos do futuro estado maior de campanha bem como de seus commandos — o que, em parte, pode e deve ser obtido nas manobras annuaes de dupla acção, nas quaes devem ser constituídos com esse pensamento, procurando desses exercicios haurir o maximo proveito possivel em questões resolvidas praticamente e depois commentados minuciosamente á luz da doutrina de guerra nacional.

1º Tte. de Art. *Sylvio Scheleder.*

RECONHECIMENTOS

(Conclusão)

N. Reconhecimento contra o inimigo

Para este serviço é preciso que o official de estado-maior não tema um encontro com inimigo, mas tambem não o procure sem necessidade; elle só é expedido «para vêr». Seu ferimento ou a inutilização de sua montada pôde fazer aprisional-o, portanto falhar sua missão. Demais a participação na luta distrae a atenção e impede a observação calma. Entretanto em certas circumstancias um combate rapido, o rompimento dos postos avançados inimigos, constituirá o unico meio de desempenhar a missão. Então, é galopar decididamente para a frente, afim de obter as desejadas vistas. Conseguindo isso não ha que demorar mais nada, confiar na rapidez do cavallo e buscar o abrigo das tropas amigas.

Para isso convem em taes expedições servir-se de seu cavallo mais seguro. Os estafetas que acompanharem tambem devem ser bem montados. Attendendo ao perigo pessoal que se corre em taes occasiões é necessario não levar nada que em caso de captura possa esclarecer o inimigo sobre as condições em que se acham as proprias tropas. Não se poderá dispensar uma carta e um caderno de notas de algibeira; em nenhum delles deverá haver qualquer nota que vá alem do objecto do reconhecimento a fazer.

Quem portanto tiver o habito de lançar diaria-

mente na carta as posições das tropas e de copiar no seu canhenho um resumo das ordens, precisará em tal expedição levar outra carta e outro canhenho.

No reconhecimento de uma posição inimiga trata-se em geral de descobrir os meios e caminhos mais convenientes para vencel-a. Em uma posição bem escolhida raramente o ataque frontal dará o desejado resultado. O reconhecimento levará essa consideração inicial e dirigirá suas vistas primeiramente para a ala cujo ataque a situação estratégica indique. Se a missão de reconhecimento fôr limitada a uma parte da posição, é preciso levar em conta a conducta provável das tropas lançadas sobre as partes visinhas.

Isso é tanto mais necessário, quanto a primeira questão na execução do ataque será o avanço coberto e a instalação coberta da artilharia que ha de iniciar o ataque. Si se é apenas uma parte do todo, ser-se-á muitas vezes constrangido pelas tropas que avançam collateralmente.

Para evitar complicações é então necessaria a troca de idéias entre os officiaes que procedem ao reconhecimento das partes convinhas da posição inimiga.

Os resultados de um reconhecimento executado antes do inicio do combate são em geral precarios, pois só se verá o terreno fronteiro por um lado, e das tropas inimigas certamente pouco. Por isso o que faltar deverá ser completado mediante viva observação durante o combate. Em combates de grande envergadura serão designados officiaes para se incumbirem especialmente dessa observação.

O. Reconhecimento de fortalezas inimigas.

O reconhecimento pelo official de estado maior visa principalmente o cerco. Quanto ao assalto, ou ao ataque á viva força ou ao assédio é necessaria a cooperação de officiaes de engenharia. Tratando-se apenas de um bombardeio prevalecerá o ponto de vista artilheristico.

No cerco a primeira questão é fixar a linha em que se queira resistir ás grandes sortidas tendentes a rompê-lo. Immediatamente se ordenará o estabelecimento de fortificações e se iniciará sua execução. Attendendo a que a guarnição da fortaleza póde, partindo do centro do circulo descarregar a sua superioridade contra uma parte do cerco, tem grande importancia a conveniente instalação das reservas bem como a ligação segura entre as diversas unidades das forças de primeira linha.

Isso é muito mais difficil quando a fortaleza se acha á margem de um grande rio que bi parte ás tropas do cerco. Haverá então que construir pontes e protegê-las por fortificações.

Em seguida tratar-se-á da collocação dos postos avançados. Para que o cerco seja completo elles precisam ser cuidadosamente dispostos, e habilitados a resistir ás pequenas sortidas, mediante fortificações e contêr as grandes sortidas pelo menos o tempo bastante para o grosso ficar prompto.

Na guerra de campanha convém para esse fim que fiquem a grande distancia do inimigo e do grosso. Na guerra de sitio esse recurso fica mais ou menos excluido, porque com o augmento da distancia a linha do cerco augmentaria de extensão, a ponto de poder tornar-se excessiva para as tropas disponiveis.

Se as tropas não bastam ha que limitar-se á

observação, que não cortará a fortaleza para o exterior mas inutilizará a sua acção desde que as forças não estejam em exagerada desproporção para a guarnição, da qual aliás só uma parte poderá agir além do mais proximo arredor.

A direcção em que pelas circunstancias se fará provavelmente sentir a acção da guarnição, decidirá então sobre o ponto em que ficarão as forças principais do corpo de observação. Ahi se recommendam mui especialmente as posições de flanco, em razão da grande sensibilidade da linha de retirada da força que sair da fortaleza. A observação propriamente caberá á cavallaria, que se manterá afastada das obras de fortificação e que em geral ha de ser numericamente muito superior á da guarnição.

Attendendo a estes pontos de vista far-se-á o reconhecimento do terreno ao redor da fortaleza e das posições inimigas.

As noticias que se tiverem colhido a respeito do effectivo e natureza da guarnição, estado da dotação de artilharia, provisões de toda especie serão frequentemente muito incertas. Não obstante, de par com a consideração das forças de que dispõe o atacante, ellas decidem sobre a resolução de ficar apenas em observação ou de iniciar logo o cerco. Havendo ao mesmo tempo a intenção de iniciar sem demora o bombardeio e um assédio regular, então caberá ao reconhecimento a effectuar com a cooperação da artilharia a pé e da engenharia, encaminhar o cerco de tal modo que as medidas ultteriores fiquem bem preparadas. O official de estado-maior deverá ahi não esquecer que nem o bombardeio nem o assédio, não podem dispensar o mais energico apoio pelas tropas a pé.

Precisam de especial exame as condições que para a artilharia pesada decorrem da escolha da frente de ataque.

No assalto de surpresa e no ataque a viva força o principal é que um serviço desidiioso da praça e a facilidade de assalto ás obras prometam bom exito. Em seguida ha que examinar muito exactamente os caminhos de approximação para que se possam distribuir precisamente as missões. Qualquer incerteza ou obscuridade da ordem, causada por um deficiente reconhecimento, acarreta um mallogro. O official de estado-maior e os officiaes de artilharia a pé e de engenharia que o auxiliam como consultores technicos são solidariamente responsaveis por que a empresa não fracasse por algum obice imprevisto que elles não tenham indicado a tempo. Se o seu reconhecimento não deixar obter certeza nesse sentido, é seu dever não aconselhar á tentativa da empresa.

P. Reconhecimento de vias ferreas

1. Pontos de vista e dados geraes

a) O trecho

1. *A linha.* Sua bitóla. Reconhecer se a via é simples ou dupla, ou em que sitios o é.

2. *As subidas.* Menor que 1:100 basta uma machina; entre 1:60 e 1:100 é necessario reforço na tracção ou impulsão (machina empurrando pela cauda, sem estar ligada); acima de 1:60 é preciso fraccionar o trem.

3. *As descidas.* Entre 1:100 e 1:60 é necessario moderar a velocidade; acima de 1:60, fraccionar o trem.

Alternativa frequente de subidas e descidas difficulta o trafego.

4. As curvas; medidas pelo raio. Raio menor que 300 m. exige diminuição da velocidade.

A frequência de fortes curvas e, ainda mais, a mudança brusca de sentido das curvas dificultam o tráfego. Na falta de dados exactos sobre os pontos 2, 3 e 4 basta na paz a observação do comprimento ordinário dos trens carregados em lugares visivelmente difíceis.

5. *Distancias de estações*; de onde resulta o intervalo minimo de trens. Em linhas simples só se consideram as estações apropriadas ao cruzamento de dois trens militares, isto é, que tenham um desvio de 500 m. de comprimento utilisavel. Para linhas duplas decidem nessa questão as estações telegraphicas de aviso. Também se consideram as estações de blóco (em que se fecha a linha para segurança do tráfego, pelo afastamento dos trens um do outro).

6. *Capacidade de carga da superstructura e do leito*. Trilhos e dormentes; se estes são de ferro e longitudinaes, ou de madeira e transversaes. Na falta de detalhes basta observar o carregamento habitual dos trens.

7. *Secção livre em tunneis, viaductos*. Menor secção de passagem e maior secção de carga.

b) As estações.

1. As linhas. Pelo menos são necessarias duas linhas principaes; sua extensão utilisavel e a de linhas auxiliares. Ligação entre as principaes e as auxiliares. Desvios. Giradouros para locomotivas e tenders; médios, para locomotivas, menores, para carros. Estações terminaes. Cruzamentos de linhas. Plataformas moveis, em córtes ou de nível. Intervallo de linhas, de eixo a eixo: (3^m,5 a 4).

2. *Embarque e desembarque*. Caes entrelinhas e lateraes. Sua altura acima do chão dos carros e dos degrãos; rampas de carga pelo lado ou de topo; sua extensão. Nível e accessibilidade das linhas principaes. Plataformas moveis dos armazens de carga. Possibilidade de instalação de rampas provisórias. Guindastes fixos, moveis, sua potencia. Accessibilidade dos lugares de carregar, para chegada e sahida. Espaço para tropas e viaturas.

3. *Armazens*. Lugares de carregar e descarregar, afastados dos de embarque e desembarque de tropas (deposito de generos). Proximidade de edificios adaptaveis a esse fim, facilidade dessa adaptação e de chegada e sahida.

4. *Estações de alimentação*. Linhas livres para trens militares completos, fóra das vias principaes, com a largura livre de 8 a 12 m no ponto de parada; além desse espaço um outro de 80 a 160 m por 80 m para depositos, cozinha, poço, latrinas.

5. *Estações de aguada*. Lugar proprio para parada; agual potavel; se necessario transportada para ahí. Latrinas.

c) Apparelhamento de tráfego.

1. *Estações de agua*. Quantos metros cubicos podem fornecer em 24 horas; escoamento por minuto, 1^m³. Uma locomotiva de trem militar tem a capacidade de 10^m³, em média, e consome 1^m³ por hora.

2. *Caes de carvão*. Provisão regular.

3. *Galpão para locomotivas*. Capacidade.

4. *Officinas para concertos de carros e machinas*.

6. *Serviço telegraphico e semaphorico*. Telegrapho das estações e das linhas. Telephone electrico de estação a estação. Sinos para aviso dos

guarda-linhas. Signal optico na entrada da estação. Dito em plena linha. Avisos do trem (apito, etc.).

d) Material de tráfego.

1. *Parque de locomotivas*. Porcentagem das machinas em concerto. Locomotivas de manobra e de tender, locomotivas para o serviço da estação e reserva, machinas para reforço da tracção.

2. *Parque de carros*. Porcentagem dos que se acham em concerto. Carros de 1^a e de 2^a classe, e de 3^a; carros de carga; numero de lugares por eixo; carros de carga cobertos, adaptaveis para cavallos.

Pranchas de bordas altas (1^m,50 e mais); ditos de bordas baixas e podendo ser retiradas de lado ou de topo. Comprimento dellas distinguindo as de 5 m e mais, 6 m e mais, 7 m e mais. Situação relativa das rodas, proporção de carros de freio, em cada especie de carros.

e) Administração.

Autoridade superior de inspecção; autoridade directora; subdirectores e sua esphera de attribuições. Séde das autoridades. Directoria do tráfego. Inspectoria de obras.

f) Funcionarios.

1. nas estações: chefe, assistentes, telegraphistas, guarda-chaves, manobreiros;

2. na linha: mestres de linha, guarda-linhas, guarda-cancellas;

3. nas machinas: machinista, foguista, guarda de machinas paradas;

4. nos trens: chefe de trem, conferente das cargas, conductores, guarda-freios.

g) Divisão da estrada.

1. Trechos de machinas.

2. Estações de baldeação, onde muda a administração.

3. Estações de muda, onde são substituidos os funcionarios do trem.

h) Organização do serviço.

Duração habitual do serviço e folga. Serviço diurno e nocturno, com postos dobrados ou auxiliares ou sem isso. Serviço de dia e de noite. Regulamento interno do serviço. Tráfego habitual. Tráfego augmentado.

i) Pontes e tunneis.

Estas grandes obras darte do trecho precisam de menção especial. Falta de previsão no trafego futuramente mais intenso, ao lado de razões de economia, fez que em muitos casos essas obras fossem construidas apenas para via simples.

A duplicação ulterior da linha acarretou depois grandes difficuldades nesses pontos. *Modernamente* se procede de outro modo; *embora em linha simples*, prevendo um tráfego maior no futuro, *constroem-se* essas obras desde logo *para duas linhas*.

As condições especiaes das pontes e dos tunneis (*) além da sua significação para o trafego real, também influem sob um outro ponto de vista essencial, a saber quanto tempo a sua destruição proposital durante as operações de guerra inutilisará o trecho. Naturalmente nesse ponto é preciso o parecer de funcionarios de obras da estrada ou de officiaes da construção de linhas ferreas expeditas. Taes pessoas, peritas, deverão pois em caso de necessidade tomar

(*) Aqui também se deve pensar nas pontes de barcos para linha ferrea, e nos ferri-boats, isto é, barcos que transportem partes de trens de uma a outra margem de um rio, etc. E' preciso obter dados sobre a duração e capacidade de tal tracto, e quaes os riscos de paralyção a que está sujeito.

parte no reconhecimento de um trecho de linha, dando um relatório especial do que constatarem.

2. Reconhecimento de estradas de ferro a utilizar

Raramente na guerra as informações sobre uma estrada de ferro a utilizar estarão bastantes com o reconhecimento sobre seu estado actual. E' imprescindível ainda cogitar dos meios para melhoramentos, augmento e alongamento de sua capacidade de trafego e das fontes de aquisição para os respectivos recursos.

Trilhos, chaves, locomotivas com tenders, carros, agua, carvão, funcionarios de estação, machinistas são elementos imprescindíveis para manter um trafego regular.

Já vimos como influem sobre a capacidade de rendimento o aparelhamento do trecho, o da estação, o stock de vehiculos, o numero de funcionarios, a utilização da ligação telegraphica.

Deve-se sempre contar com a falta de uma ou mais condições fundamentaes quando se vae utilizar um trecho que esteve exposto ao inimigo ou ao seu serviço. O problema, de então restabelecer o trafego, depende das autoridades ferroviarias militares e das tropas. O official de estado maior da primeira tropa que occupar ou transpuzer um trecho nessas condições prestará ás tropas e ao todo um excellente serviço em verificar quaes os obstaculos mais importantes e recursos ao alcance para removel-os, e o participar á autoridade superior. Talvez tambem seja possível e conveniente proceder immediatamente á vigilancia militar sobre aparelhos essenciaes e recursos ainda existentes.

As pesquisas especiaes que devem preceder ao restabelecimento ou ampliação do trafego competem á officiaes technicos e funcionarios. Mas um official de estado-maior chamado a collaborar com a alta autoridade militar, representando altos pontos de vista militares, deve não olvidar nunca que a reabertura do trafego embora restricto, é preferivel a uma preparação mais demorada para obter um maior rendimento desde o inicio. A ampliação do trafego póde ficar para medidas ulteriores; p. ex. não se deve deixar de construir uma variante que permita fazer trafegar dentro de 6 a 8 dias, trens de 10 a 20 eixos com a velocidade de 4 km á hora, porque se conte poder desobstruir um tunnel dentro de 20 ou 30 dias.

Dada a extraordinaria importancia da ligação ferrea a mais longa possível atraz do exercito que avança, a bem de seu reabastecimento e evacuação de toda sorte, a linha ferrea a mais expedita mesmo será utilissima, e deve-se optar decididamente pela sahida mais rapida, em detrimento das regras normaes da conveniencia technica e da perfeição.

3. Reconhecimento da linha ferrea a inutilisar

A destruição de linhas ferreas para obstruil-as ao trafego é arma de dois gumes. Mesmo uma linha que ainda esteja servindo ao inimigo ou uma que se deva abandonar-lhe, não deve ser destruida seriamente, desde que haja probabilidade de utilisal-a de novo, dentro em breve.

Em regra tratar-se-á pois de perturbar por meio de interrupção, e só por ordem especial de altos commandos se procederá a uma destruição de um trecho por largo tempo.

Qualquer especie de tropa poderá receber uma

missão de interromper linha ferrea; as destruições em regra só serão attribuidas á engenharia ou tropas ferroviarias; em tal caso caberá aos respectivos officiaes o detalhe do exame e das respectivas propostas.

Para as interrupções é necessario destruir o material de trafego e a superstructura. Destruição ou retirada das rodas, etc., inutilisa provisoriamente o material rolante; nas locomotivas basta tirar as valvulas e o aparelho de direcção. O arrebetamento dos cylindros das machinas, ou a destruição dos carros e tenders, tudo por explosivo, destróe totalmente esse material.

A superstructura se destróe em plena linha nas curvas, de preferencia no trilho exterior, nas estações nos desvios. Conforme o gráo de destruição desejada applica-se o processo em diversos trilhos consecutivos e em varios lugares. Basta em plena linha tirar a fixação dos trilhos e as ligações de um lado. Nas estações são mais efficazes os arrebetamentos, sobretudo a dynamite, melhor que empregando alavancas, marretas, etc. Os regimentos de cavallaria são providos de todo o necessario para taes interrupções (*).

A destruição exigirá em geral o arrebetamento de obras d'arte difficeis e importantes. Onde não as houver a destruição mesmo radical do aparelhamento das estações (desvios, giradores para locomotivas, depositos dagua, poços), bem como levantar e entortar, afastar ou queimar, os trilhos, os dormentes, numa extensão grande e em diversos pontos, tudo isso não causará sinão uma interrupção do trafego, relativamente curta, embora o diminua por maior tempo. A destruição de edificios da estação pouco importa como perturbação do trafego; mais importante é o afastamento ou a destruição do aparelhamento telegraphico.

As destruições a explosivo (*), decisivas nos altos aterros, nas pontes e viaductos, entradas de tuneis ou paredes de córtes fundos, muros de arrimo acima ou abaixo do leito da linha devem ser baseadas em um cuidadoso exame das massas e sua resistencia, afim de ser guardado um meio termo entre o demais e o demenos: o explosivo no interior de um tunnel em serra massica pouco produz, ao passo que em terra molle o seu effeito é consideravel, podendo dar lugar a uma obstrucção que só em annos poderá ser removida.

Desejando-se uma cessação do trafego o mais possível duradoura a escolha da parte da linha a destruir não depende só do tempo para sua reconstrucção, mas tambem do tempo em que talvez se possa construir uma variante da parte destruida.

E' um ponto a resolver pelo official em reconhecimento, appellando para o seu auxiliar tecnico; muitas vezes terá então que preferir uma parte mais facil de reconstruir mas mais difficil de evitar pela construcção duma variante.

Procede-se segundo pontos de vista semelhantes no reconhecimento de linhas de bitóla estreita ou linhas industriaes. Se bem que taes linhas não possuam a importancia das de bitóla normal, podem contudo como auxiliares destas ou pelas condições loaes alcançar certa significação.

São Gabriel, 16. 10. 16.

Klinger.

(*) Vide A Defeza Nacional, ns. 26, 30, 31 e 32.

Commando de tropa em gabinete

2º problema traduzido de um livro de v. Altrock por E. de Lima e Silva, capitão de artilharia.

Carta geral de Metz e terrenos adjacentes, 1:1000.000, que acompanha a tradução brasileira do Griepenkerl. São do tradutor as notas e as advertências entre parênteses.

Condução de uma divisão de cavallaria no flanco de um exercito em situação de combate de favoravel

Metz cidade aberta. Tropas vermelhas foram atacadas a 12. 8. na linha *Fresne en Saulnoy—Delme—Moncheux—Buchy* por tropas azues vindas de leste. No flanco esquerdo dos vermelhos está a 5ª Div. Inf. sustentando uma lucta difficil. Sua artilharia, em posição nas cotas 299, 297 e 290 situadas entre *Solgne* e *Vigny*, soffreu fortes perdas, assim como a infantaria, que foi repellido até a linha cota 281 ao sul de *Solgne—Cheval Blanc*—encosta norte da altura 291 (oeste de *Buchy*).

A 2ª Div. Cav. vermelha tinha feito sua artilharia tomar posição na collina a sudoeste de *Chérissey* e pelo seu fogo havia detido o flanco direito dos atiradores inimigos em *Silly en Saulnoy—Maison Blanche*.

O commandante da 2ª Div. Cav. ordenara ás brigadas que atravessassem a campina existente entre *Chérissey* e *Goin* e se postassem junto a esta ultima localidade promptas para uma carga contra o flanco direito inimigo. Em cumprimento desta ordem a 3ª Brig. Cav. seguiu pela estrada *Verny—Louvigny* e ás 14 horas sua testa attingira a encruzilhada que se vê a oeste de *Goin*. A sua retaguarda estava a 4ª Brig. Cav.

A 5ª Brig. Cav., com o grupo de metralhadoras, atravessando a faixa de campo pela estrada *Chérissey—Goin* ficou desenhada na baixada, em ambos os lados do caminho que vai de *Chérissey* a *Vigny* passando pela cota 256.

A secção de engenharia está em *Chérissey*, a c. 1. m. no caminho que conduz de *Verny* a *Goin*, cauda em *Verny*; os trens de estacionamento e os de combate, assim como os meios technicos de communicacão acham-se na estrada *Sillegny—Arry*, cauda em *Sillegny*.

Às 14 horas o commandante da 2ª Div. Cav., que estava junto á artilharia, recebe as seguintes participações:

1. *Courcelles*, 12. 8. 13 horas

A região do *Französische Nied* (rio *Nied* francez) comprehendida entre *Sanry*, *Kurzel* e *Ars Laquenexy* está livre de inimigo.

Por escripto, intermedio esta- X. 2º ten. do 3. R. Ulan.

2. *Pouilly*, 12. 8. 13³⁰

Acaba de passar em *Magny*, na direcção de *Pouilly*, a ponta de infantaria da divisão de infantaria inimiga que está sendo observada em sua marcha de *Antilly*, via *St. Julien—Queuleu*, e cuja presença já foi participada á Divisão ás 11³⁰.

Por escripto, intermedio esta- Y 2º ten. 3. R. Drag.
feta. (A referida participacão de 11.30 não chegou ao commando da divisão.)

Ao mesmo tempo participa um ajudante de ordens da 5ª Div. Inf.: «O III. Corpo de Exer-

cito (commandante está em *St. Jure*) bate em retirada e quer transpor o *Seille* a oeste de *Cheminot*. A 5ª Div. Inf. vai empregar suas ultimas reservas (um reg. de inf.) e procurar manter suas posições no intuito de tornar exequível a retirada da 6ª Div. Inf. que está mais ao sul em lucta pesada. Poderão decorrer ainda duas horas antes que comece a retirada da 5ª Div. Inf. Venho solicitar urgente apoio da 2ª Div. Cav.»

Composição da 2ª Divisão de Cavallaria

Trez brigadas de cav., cada uma de dois regimentos a quatro esquadões; uma secção de engenharia, um grupo de artilharia a cavallo (duas baterias), um grupo de metralhadoras (trez secções de duas peças), duas estações radiotelegraphicas, uma columna ligeira de munições, uma secção de signaleiros de campanha.

.

Resolução do commandante da 2ª Divisão de Cavallaria ás 14⁰⁰

A 2ª Div. Cav. não carrega contra o flanco direito inimigo e vai com todas as suas forças deter o adversario que avança para *Pouilly*, via *Magny*, até que fique garantida uma segura retirada do III Corpo de Exercito.

Ordens (para combate a pé)

2. Div. Cav. Collina sudoeste *Chérissey*, 12.8.14⁰⁰

I — A's 3., 4. e 5. Br. Cav., ao Grupo de Metr. e á Sec. de Eng.

1. As brigadas com o grupo de metralhadoras retirem para o outro lado da campina e façam alto desenhadas na baixada, frente para o norte:

a) 5ª Br. Cav. com o grupo de metralhadoras no caminho *Goin—Chérissey*;

b) 3ª e 4ª Br. Cav. a leste da estrada *Louvigny—Verny*.

2. Os commandantes de brigada, do grupo de metralhadoras e da secção de engenharia que se me apresentem já.

Verbalmente, mediante ajudante de ordens, a: 3ª, 4ª e 5ª Br. Cav. G. Metr. e Sec. Eng. A. General.

II — Ao Grupo a Cavallo/2 R. A. C. (2)

1. Uma divisão de infantaria inimiga está em marcha de *St. Julien* para *Pouilly*, via *Magny*. Sua ponta de infantaria póde agora ter attingido *Pouilly*.

2. A nossa divisão vai deter o avanço da columna inimiga contra o flanco esquerdo do nosso exercito.

3. Suspenda o fogo contra *Silly en Saulnoy* e procure canhonear a columna de marcha e o desenvolvimento do novo adversario. Deveis ordenar já um reconhecimento da cota 237 a noroeste de *Verny* para nova posição da artilharia.

4. Depois de dadas as ordens vou para a collina a oeste de *Pournoy*.

Verbalmente ao Grupo de Artilharia. A. General.

(1) Alguns regimentos da artilharia de campanha allemã compõem-se de um grupo a cavallo e outro montado.

III — A's 3.ª, 4.ª e 5.ª Br. Cav., ao Grupo de Art. a Cavallo e ao de Metralhadoras, á Sec. de Engenharia.

1. Uma divisão de infantaria inimiga avança de *St. Jullien* para *Pouilly*, via *Magny*; sua ponta de infantaria póde agora ter attigido *Pouilly*.
2. Nossa divisão vai mediante combate a fogo impedir o avanço do novo inimigo contra o flanco esquerdo do nosso exercito.
3. Designação dos sectores de combate:
 - a) 5.ª Br. Cav. a linha de alturas e o trecho do bosque ao norte de *Pournoy*; reserva na retaguarda do flanco direito. Exploração por *Méclevés*, *Chesny*, *Peltre*, *Hospital-Wald*.
 - b) 4.ª Br. Cav. a linha de alturas em ambos os lados e o capão de matto a oeste da estrada *Verny-Pouilly*, 1600 m ao norte de *Verny*. Exploração dentro do *Hospital Wald* e até *Peltre-Marly*.

As posições devem ser fortificadas tanto quanto possível.

- c) 3.ª Br. Cav., reserva a cavallo, fica na baixada a leste de *Verny*. Ella verifique se o inimigo ameaça a oeste do *Seille* e mande para lá um esquadrão afim de fazer os serviços de exploração e de segurança do flanco. Observe o inimigo de *Silly en Saulnois*.
4. A Sec. de Eng. faça a marcação do vau a leste de *Coin a. d. Seille* e reconheça se o *Seille* pode ser atravessado entre *Coin a. d. Seille* e *Sillegny*.
 5. O Gr. de Metr. fica a minha disposição a leste do castello *Verny*.
 6. A' 5.ª e á 4.ª Br. Cav. serão apresentados 2 carros de munição de infantaria para cada uma.
 7. Eu vou para a collina a oeste de *Pournoy*.

Verbalmente a: 3.ª, 4.ª e 5.ª Br. Cav., Gr. de Metr. e Sec. de Eng. Por escripto, intermedio ajudante de ordens, ao Gr. a Cav./2 R. A. C.

A. General.

IV — A' Col. Lig. Munições.

1. Columna inimiga avança de *St. Jullien*, via *Magny*, para *Pouilly*.
2. A divisão vai deter este adversario, com a 5.ª Br. Cav. ao norte de *Pournoy* e a 4.ª ao norte de *Verny*.
3. Mande apresentar 2 carros de munição de infantaria a cada uma destas brigadas.
4. Eu vou para a collina a oeste de *Pournoy*.

Verbalmente, intermedio ajudante de ordens.

A. General.

V — Ao cdte. dos trens de estacionamento.

1. A divisão vai deter ao norte de *Pournoy-Verny* um adversario que avança de *St. Jullien*, via *Magny*, para *Pouilly*.
2. Os trens de estacionamento, trens de combate e meios technicos de comunicação retiram sob vosso commando até oeste da ponte sobre o *Mosel* junto a *Novéant*; lá uma radio-estação deve estabelecer-se para receber.
3. Todos os homens em condições de combater que ahí se acham no serviço de protecção

devem ser mandados já para a collina a leste do castello *Verny*, sob as ordens de um commandante unico que alli se me apresentará.

Por escripto, intermedio cyclista.

A. General.

VI — Ao ajudante de ordens da 5.ª Div. Inf.

O Sr. está informado da mudança de situação produzida pelo avanço de uma divisão de infantaria inimiga de *St. Jullien* para *Pouilly*, via *Magny*. Participe á 5.ª Div. Inf. que eu, em combate a pé, vou defender as alturas ao norte de *Pournoy-Verny* até o ultimo homem, se tanto fôr preciso.

Verbalmente ao ajudante de ordens.

A. General.

VII — Um ajudante de ordens da 2.ª Div. Cav. parte em automovel a informar o commando do III. Corpo de Exercito sobre a mudança de situação e intenções da 2.ª Div. Cav.

VIII — Ao chefe do serviço de saude da divisão indica-se que deve formar o escalão sanitario (2) e tomar outras medidas adequadas ao serviço e ao caso.

Discussão

Tendo conhecimento da situação desfavoravel da 5.ª Div. Inf., o cdte. da 2.ª Div. Cav. havia disposto sua tropa para facilitar a retirada da infantaria amiga, mediante um ataque sem considerações (Vide «O Combate», trad. do 1.º tenente Klinger, pag. 90, art. 518), quando pela approximação do novo inimigo sua propria situação fica completamente modificada.

A execução da projectada carga não é mais possível agora. Não póde ser deferido o pedido de apoio feito pela 5.ª Div. Inf. e que lhe era tão necessario, porque esta divisão estava obrigada a manter sua posição durante duas horas mais. Ella tem que contar só consigo mesma, na esperança de poder realizar sua missão com auxilio de sua ultima reserva, forte de um regimento de infantaria completo.

Uma tarefa mais importante incumbe neste caso á 2.ª Div. Cav. Pelo avanço inimigo contra *Pouilly-Verny* não é só a 5.ª Div. Inf. que corre perigo, mas todo o flanco esquerdo do exercito vermelho. Se o inimigo conseguisse avançar sem entraves na direcção sul, passando por *Pouilly-Verny*, a retirada das tropas vermelhas se transformaria em uma completa derrota.

Por isto a 2.ª Div. Cav. deve fazer frente a este novo inimigo e deter sua marcha. Uma carga não promette nenhum successo; por conseguinte só resta o combate a fogo. E, como posição, só lhe importa o terreno ao norte de *Pournoy* e *Verny* que, aliás, apresenta varios defeitos. O mais notavel entre elles é a floresta (*Hospital Wald*) que alli fica bem defronte do

(2) Cada reg. da div. tem um carro san. de cav. a uma parelha e a divisão tem nos trens de estacionamento um a trez parelhas. Quando a divisão tem de entrar em combate estes carros san. com dous terços do pessoal de saude, formam o escalão sanitario sob a chefia do medico mais graduado, que estabelece os postos de soccorro.

flanco direito, escapando ao dominio da vista e causando um grande incommodo, pois que pôde facilitar a approximação do inimigo. Mas não ha tempo a perder. A divisão tem que se contentar com esta posição que, todavia, offerece uma boa collocação para a artilharia e conta no flanco esquerdo com soffrivel segurança constituida pelo apoio do *Seille*.

Ao principio empregam-se apenas duas brigadas, designado um sector a cada uma (R. E. I. brasileiro 438); os chefes dos sectores procedem á subdivisão e fazem fortifical-os como fôr possível (V. «O Combate», pag. 81, art. 482). A brigada do flanco direito deve conservar uma forte reserva na sua direita, á retaguarda, para poder obviar um movimento envolvente do inimigo através do *Hospital Wald* (V. «O Combate» pag. 81, art. 483). A 3.^a Br. Cav. mantem-se á retaguarda, como reserva a cavallo (V. mesma ob. e mesma pag., art. 485). O commandante, depois que tiver percebido a direcção do ataque principal inimigo, ha de levar-a, á maneira dos boers, para o ponto mais favoravel do terreno e então empregar-a onde fôr possível, no flanqueamento do ataque adversario. No serviço de exploração que lhe incumbe, esta brigada tem de observar especialmente a margem oeste do *Seille*, onde não é impossivel um avanço do inimigo; alem disto deve manter sob suas vistas o adversario que se acha em *Silly en Saulnois*.

A sec. de engenharia vai reconhecer passagens no *Seille* entre *Coin a. d. Seille* e *Sillegny*, cousa importante para a ulterior retirada da divisão.

A artilharia fica prompta na posição para poder tomar sob seus fogos o novo adversario ao primeiro apparecimento (V. mesma ob. e mesma pag., art. 481).

Afim de que as tropas estejam providas de bastante munição para a lucta, que provavelmente será porfiada, as duas brigadas que vão apear para o combate a fogo recebem 2 carros de munição cada uma.

Os trens de estacionamento, os de combate e os meios technicos de comunicação foram enviados para mais longe, direcção oeste, afim de que a propria divisão em caso de necessidade possa mais tarde utilizar a estrada *Sillegny—Arry*.

Ninguém deve faltar ao combate; por isso o pessoal de protecção aos trens de estacionamento, etc., que agora se torna alli dispensavel, reunido e junto ao grupo de metr. fica prompto, como reserva, a leste do castello Verny.

A missão da divisão é difficil e não se pode antever o desfecho da lucta. Não se deve excluir a hypothese de um feliz desenlace—sem damno essencial da 2. Div. Cav.—se o inimigo deixar-se arrastar a um desdobramento, que exige muito tempo, ao qual talvez possa seduzir-o o desejo de utilizar o *Hospital Wald* para uma approximação coberta, porem lenta. Desde que, em vez disso, o adversario ataque immediatamente com fortes effectivos, empregando sua artilharia seis vezes superior, pôde tornar-se muito séria a situação da 2.^a Div. Cav.

Então, para evitar a completa destruição das tropas amigas, ella fica na obrigação absoluta de sacrificar seu ultimo homem. E ella saberá morrer, se fôr necessario, com a inabalavel convicção de que, mesmo que lhe não caiba o successo, as honras do dia lhe ficarão.

Instrucção de Combate

(Notas do Curso de Aperfeiçoamento)

(Continuação)

2 — Instrucção individual

a) *Exercícios formaes* que se realisam sem levar em conta o terreno e o fim do combate.

1—Carregar; travar e descarregar em todas as posições do corpo, quer em marcha quer em movimentos accelerados, utilizando as cartucheiras dos dois lados.

2—Graduar a alça e modificar a graduação em todas as posições do corpo.

3—Apontar em todas as posições do corpo, com diferentes alças, para objectivos diversos; ajoelhar e levantar para atirar, partindo da posição deitado.

4—Ajoelhar; deitar; ajoelhar; levantar para o lance, levantar levando a arma ao hombro e bem assim suspendendo a arma; abrigar completamente.

5—Marcha (suspendendo o fuzil pelo centro de gravidade ou conduzindo-o debaixo do braço); alto; ajoelhar; deitar; em posição; marche-marche, cruzando bayoneta e gritando *avança! avança!*

6—Alongar e encurtar bandoleira; collocar e retirar cobre-mira; armar e desarmar bayoneta; desequipar e equipar de novo, em todas as posições do corpo; retirar a munição da mochila e do bernal.

7—Execução das ordens de fogo em todas as posições do corpo, bem como contra inimigo (alvo ou homem) surgindo um oitavo á direita (esquerda).

8—Fogo á vontade; augmento e diminuição da velocidade do fogo; cessar fogo; carregar de novo; continuar o fogo; salva.

9—Por lance, em posição e reabertura do fogo.

10—Rastejar; andar e correr agachado.

b) *Exercícios com aproveitamento do terreno e representação do inimigo.*

1—Familiarisar o homem com os accidentes e formas do terreno e mostrar-lhes sua importancia militar como abrigos, contra a vista e contra o tiro; mostrar-lhes os obstaculos e os apoios para o fuzil, e a sua influencia sobre o movimento; campo de tiro e efficacia do fogo (do fogo proprio e do fogo inimigo), p. ex.: estilhaços, ricochetes; augmento e diminuição da zona rasada etc.

Denominação dos accidentes, de accordo com a sua significação (por ex.: igreja, castello, fazenda, arrozal, etc.) e segundo seu aspecto exterior (p. ex.: a casa com o torreão, a arvore verde claro, a arvore com a copa branca, a arvore vermelha, o campo amarelo, etc.).

Denominação das estradas segundo sua categoria; das pontes; dos campos, dos prados e das florestas, segundo a sua natureza, etc.

Exercício de descrição do terreno; instrução sobre os pontos cardeais e orientação no terreno com auxilio do sol, da lua, das estrellas, do relógio, da bussola e da carta.

2—Apparecimento de diversos objectivos fixos, moveis e abrigados, a diferentes distancias. Como objectivos, empregar:

a) homem isolado, de pé, de joelhos, deitado, avançando, recuando, deslocando-se lateralmente, correndo, rastejando, andando e correndo agachado, fazendo um lance e parando, visivel e dissimuladamente;

b) esquadra em ordem unida em todas as situações referidas em a);

c) esquadra em ordem aberta, com diferentes intervallos, em todas as situações referidas em a);

d) os mesmos objectivos citados, mas abrigados até os joelhos, os quadris, o peito e a cabeça;

e) objectivos, nas situações referidas em a), apparecendo em fundos diversos;

f) objectivos, nas situações referidas em a), mas, em diferentes terrenos, p. ex.: claro e escuro, e em condições diversas de luz;

g) objectivos, nas situações referidas em a), mas variando os uniformes (tunica azul, tunica kaki, capote, de capacet, de bonet, de chapéu, etc.); demonstração da influencia do estado atmospherico sobre a visibilidade dos objectivos;

h) execução de um ataque e de uma defesa por uma esquadra e explicações sobre o desenvolvimento de ambas as especies de combate.

3—Exercícios para descobrir e distinguir os objectivos indicados em 2 a, d, e, f, e g.

Denominação desses objectivos, e sua designação nas vozes de commando, com o emprego de objectivos auxiliares; aviso do seu apparecimento; apreciação da distancia a que se acham, em todas as posições de tiro, com aproveitamento do terreno e emprego da alça correspondente á distancia; instruir o homem sobre a dispersão dos projectis ás distancias consideradas e sua influencia relativamente á probabilidade de atingir os objectivos; escolha da posição de tiro, da alça, do ponto de visada e da velocidade do fogo.

4—Exercícios para desenvolvimento da capacidade visual e educação da vista, taes como: contar: janellas, caixilhos de janellas, moirões e varas de cercas, tijolos, arvores nas margens das estradas; lêr inscrições distantes; contar homens que constituem uma tropa distante; reconhecimento dos distinctivos e peças de equipamento dos mesmos etc.

5—Mostrar e explicar o aparelho de materialisação da trajectoria.

6—Aproveitamento do terreno, das suas culturas e vegetações, durante o estacionamento e o combate, como abrigo e apoio da arma.

7—Aproveitamento do terreno durante o movimento: andando, correndo, rastejando e andando agachado. (Retirar dissimuladamente e abrigado).

8—Transposição de obstaculos de toda a especie (fossos, valas, ladeiras, cercas, muros, campos cultivados, mattos espessos) etc.

9—Emprego da pá para limpar o campo de tiro, para construir e melhorar abrigos, (dar noções sobre perfil e a espessura desses abrigos), para preparar um apoio para a arma.

a) fóra da acção do fogo;

b) durante o combate.

10—Encher de terra um sacco portatil (0m,40 X 0m,20) e empregal-o como abrigo e apoio para a arma; rastejar jogando previamente para a frente o sacco para servir de abrigo.

11—Conducta no ataque, na defesa e na retirada, oppondo um adversario que tambem se conduza como na guerra, com aproveitamento do terreno; variação na velocidade de fogo, na escolha da alça e do ponto de visada.

12—Desenvolvimento da aptidão do homem para aproveitamento do terreno; conducta individual; emprego da arma; escolha do objectivo, mediante estabelecimento de situações de combate muito simples.

13—Tiros de preparação, (com e sem direcção de fogo).

14—Escolha da alça e do ponto de visada fóra do objectivo quando se atira contra objectivos moveis, e quando se tem de levar em conta o effeito do vento.

15—Observação da efficacia do fogo e dos pontos de quéda.

16—Exercícios de 2, 3, 4, e 5 tiros, com pontaria rigorosa, num minuto.

Embora em todos esses exercicios só se tenha em vista o homem como atirador isolado, isso não impede que o instructor faça com que varios homens simultaneamente executem o mesmo exercicio afim de que todos tenham frequentemente oportunidade de praticar. Os homens que não estiverem executando e assistirem a instrucção dos outros, devem ser constantemente interrogados sobre o que estão vendo fazer, afim de obrigar-os á uma cooperação mental.

3 — Instrucção da fila e da esquadra

A differença que existe na conducta do atirador quando faz parte da fila, é que aqui elle tem de levar em consideração o seu camarada e trabalhar de accordo com elle.

Na conducta da fila e da esquadra, ao contrario, não existe differença alguma.

Quer se trate de uma ou de outra é preciso (alem do instructor que inspeciona) que haja um commandante, para dar ordens e os commandos de accordo com a situação de combate.

Embora, uma vez completamente terminada a instrucção individual, devam-se fazer exercicios da fila antes de passar aos da esquadra, elles podem ser tratados conjunctamente, pois a materia e os principios são os mesmos.

Parallela e conjunctamente com a instrucção da esquadra, faz-se a dos commandantes de esquadra.

A fila é mais facil de vigiar que a esquadra, por isso a sua instrucção é vantajosissima como complemento da instrucção individual.

a) Exercicios formaes.

1—Os exercicios da instrucção individual mencionados em a), sob os numeros 1, 2, 3, 4 e 6.

2—Estender avançando e sem avançar, partindo da posição de pé (com arma descansada e de hombro-arma), de joelhos e deitado, com intervallo normal (2 passos) e com intervallos maiores:

a) conservando a frente primitiva;

b) em direcção a um ponto situado obliquamente em relação á frente primitiva.

3—Estender, estando a fila ou a esquadra em marcha, como sob o numero 2.

4—Estender do modo indicado nos numeros 1, 2 e 3, mas em marche-marche.

5—Augmento e diminuição dos intervallos a pé firme e durante a marcha.

7—Marcha obliqua, marcha retrograda e marcha de flanco.

8—Mudança de frente, por conversão á voz de commando e mediante a indicação de um ponto de direcção de marcha:

a) a pé firme, a passo, rastejando e em marche-marche (para a frente e para a retaguarda);

b) em movimento (durante a marcha) a passo e marche-marche.

9—Combate pelo fogo como na instrucção individual a), 7 e 8, e mais ainda empregando tuas alças e modificando as alças.

10—Salva.

11—Cerrar estando em posição e durante a marcha, quando occurram mortes e ferimentos.

12—Formação e conducta dos reforços, em varias fileiras, á retaguarda da linha de fogo, quando não se fizer a exclusão dos mortos e feridos.

13—Remuniciamento:

a) retirando a munição das mochilas, bornaes e cartucheiras dos visinhos (suppostos fóra de combate);

b) recebendo a munição retirada dos feridos;

c) com auxilio de homens que vêm da retaguarda.

14—Transmissão de ordens, avisos, perguntas e informações, sem interromper o fogo.

15—Unir a pé firme e em marcha, para a frente e para a retaguarda, com a frente primitiva e com mudança desta.

16—Em linha aos seus logares, unido e depois de unir.

17—Trabalhar por signaes.

18—b) Exercicios no terreno e com o inimigo.

1—Exercicios indicados na instrucção individual em b) 6, 8, 9, 10, 11 e 14.

2—Exercicios de repartição do fogo, modificando o numero de alvos que constituem o objectivo, deslocamento lateral do ponto de visada e repartição do fogo sobre uma frente no prolongamento do objectivo, no caso de vento lateral e de deslocamento lateral do objectivo; combate pelo fogo contra artilharia e cavallaria; exercicios de velocidade de fogo.

3—Observação do inimigo durante o combate pelo fogo e depois de este ter cessado o fogo, communicando em voz alta o resultado da observação e da apreciação da distancia.

4—Bater pelo fogo uma faixa do terreno, apontando com a alça determinada em relação a certos objectos deste, perto dos quaes se presume achar o inimigo e empregando o binoculo: atirar numa direcção dada pelo sentimento.

5—Aproveitamento do terreno durante o movimento, caminhando, correndo, rastejando, caminhando e correndo agachado, (retirar-se á coberto e dissimuladamente).

Este aproveitamento do terreno póde ser feito homem a homem, ou por toda a esquadra, sob a protecção do fogo dos que ficam na primitiva posição ou dos que já attingiram a nova.

6—Estabelecer situações de combate muito simples para desenvolver o senso tactico dos soldados e dos commandantes de esquadra e bem assim sua aptidão para o aproveitamento do terreno, emprego da arma, escolha do objectivo, etc.

7—Tiro de esquadra.

8—Observação da efficacia dos projectis e dos pontos de queda.

c) Instrucção dos commandantes de esquadra.

Esta instrucção é dada, parte em prelecções, parte em exercicios praticos dos commandantes de esquadra, com ou sem sua esquadra e abrange os seguintes pontos:

1—Commando da esquadra á voz, por ordens e por signaes, nos desenvolvimentos durante o movimento, nos altos, na occupação das posições e na execução dos lances.

2—Julgamento e aproveitamento do terreno durante o movimento.

3—Escolha da posição de fogo aproveitamento do terreno na mesma e sua preparação

4—Reforçamento do terreno durante o fogo e antes da abertura do fogo.

5—Direcção do fogo, principalmente ordens de fogo; escolha do objectivo; alça; ponto de visada; velocidade do fogo de accordo com a natureza do objectivo e as alterações que este soffrer, levando em conta o terreno e as influencias atmosfericas.

6—Exercícios para verificação da pontaria, para indicação do objectivo, para verificação da repartição do fogo e para fiscalisar o modo dos homens utilisarem o fuzil.

7—Distribuir a munição e repartil-a equitativamente.

8—Fiscalisação da transmissão de ordens de homem a homem.

9—Apreciar e fazer apreciar as distancias; ensinar o emprego do binoculo para reconhecimento do objectivo e observação do effeito dos projectis e bem assim instruir seus homens sobre o modo de preparar o binoculo e utilisal-o

10—Tomar parte no fogo.

4 — Instrucção do pelotão

a) Exercícios formaes.

1—Desenvolvimento do pelotão em linha, como na instrucção da esquadra em a) 2, 3 e 4, tomando por base a esquadra da ala direita da 2.^a secção ou outra esquadra qualquer.

2—Desenvolvimento do pelotão em columna de esquadras, de accordo como o que se disse na instrucção da esquadra em a) 2, 3 e 4, com as esquadras na ordem da primitiva formatura ou invertidas. Este desenvolvimento pode-se fazer para um lado (direito ou esquerdo) ou então as esquadras da secção da festa desenvolvem-se para a direita e as secções da cauda para a esquerda (pelos flancos).

3—Estender uma secção para prolongar uma outra já desenvolvida, sem avançar, ou depois de se a ter collocado atraz da sua frente de desenvolvimento.

4—Estender uma ou mais esquadras para prolongar uma esquadra já desenvolvida.

5—Estender uma secção para intercalal-a noutra já desenvolvida e nova distribuição das esquadras e secções.

6—Estender successivamente as esquadras do pelotão e intercallal-as numa esquadra já desenvolvida e nova divisão das esquadras: intercallação das esquadras nos claros que ficam entre as esquadras já desenvolvidas, depois de se mandar que ellas cerrem para o lado dos seus commandantes.

7—Execução dos exercicios mencionados na instrucção individual em a) 1, 2, 3, 4 e 6, e na instrucção da esquadra em a) 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16 e 17.

8—Marcha, etc. como na instrucção individual a) 5 e 10; marcha obliqua, retrograda e de flanco, neste ultimo caso com mudança da esquadra base.

9—Remuniciamento como na instrucção da esquadra a) 13, e bem assim intercalando uma secção abundantemente provida de cartuchos (ou uma esquadra).

10—Transmissão de ordens, avisos, perguntas e communicações sob a fiscalisação dos commandantes de esquadras, os quaes accusam o seu recebimento e transmissão, mesmo nos casos em que as esquadras estejam escalonadas, ou separadas por grandes intervallos.

11—Lances por esquadras, por secções e por pelotão; occupação da posição e proseguimento do fogo.

b) Exercícios no terreno e com inimigo.

1—Os exercicios da instrucção individual mencionadas em b) 6, 7, 8, 9, 10 e 11.

2—Exercícios de repartição de fogo: idem de limitar a frente do objectivo, mediante indicação de dois objectos situados nos extremos do objectivo ou de um objecto do qual as extremidades distem, respectivamente, n e n_1 metros: exercitar os commandantes de esquadra em fazer a repartição do fogo indicando a pontaria em direcção de cada atirador; verificar a repartição do fogo dos commandantes de esquadra e dos atiradores, examinando a linha de visada de cada fuzil collocado sobre a mochila, sobre um monte de terra ou qualquer outro apoio: estes exercicios tambem devem ser feitos:

a) augmentando ou diminuindo, condensando e dispersando o objectivo e a tropa que atira;

b) deslocando lateralmente o ponto de visada e repartindo o fogo sobre uma frente no prolongamento do objectivo, no caso em que se leva em conta o vento lateral e o movimento do objectivo;

c) cruzando o fogo por ordem do commandante do pelotão, quando este assim decidir por iniciativa propria, ou depois dos commandantes de esquadra terem communicado quaes as partes do objectivo que elles podem bater pelo fogo e quaes as que elles não podem ver.

3—Os exercicios mencionados na instrucção da esquadra em b) 3, 4 e 5.

4—Mudança de objectivo para todo o pelotão e para parte deste: variação na velocidade de fogo; exercicios de execução de um certo numero de tiros num minuto.

5—Intercallação de esquadras e secções, durante o combate pelo fogo (communicando aos reforços o objectivo e alça e, eventualmente, repetindo os commands de fogo, bem como modificando a repartição do fogo.

6—Atirar com varias alças; modificar as alças.

7—Conducta do pelotão como apoio sendo:

a) nos altos;

b) no movimento para a frente (em ordem unida) em linha, em columna de esquadras e em columna por dois, fraccionado em esquadras ou fileiras, (em ordem aberta) desenvolvido para atravessar zonas descobertas e uma vez chegado ao abrigo, unindo de novo;

c) como reforço da linha de fogo:

d) na marcha retrograda;

8—Estabelecimento de situações de combate muito simples para desenvolver o senso tactico do commandante de pelotão, dos commandantes de esquadras e dos proprios soldados, bem como a sua aptidão para o aproveitamento do terreno e sua conducta pessoal quanto ao emprego da arma, escolha do objectivo, etc.

9—Tiro de pelotão.

10—Determinar a posição do feixe de trajectorias, concentrando o fogo sobre um ponto especialmente adequado para observação.

11—Observação da efficacia dos projectis e bem assim dos pontos de queda.

c) Instrução dos homens sobre o serviço de patrulhas, idem dos apreciadores de distancia e dos corneteiros e tambores, quanto ás obrigações especiaes destes ultimos em combate.

5 — Instrução da companhia

a) *Exercícios formaes.*

Entre estes exercicios devem figurar de preferencia os de desenvolvimento e marcha da companhia.

1—Desenvolvimento simultaneo de dois pelotões, na forma indicada na instrução da esquadra em a) 2, 3, 4, partindo da companhia em linha, em linha de columnas de esquadras, em columna de pelotões e de esquadras.

2—Desenvolvimento simultaneo de tres pelotões, na forma identica e partindo das mesmas formações, mas attendendo ao seguinte:

a) pelotões das alas desenvolvem-se ao lado do pelotão do centro; os pelotões da cauda ao lado do pelotão da testa;

b) si a companhia está em linha ou linha de columnas de esquadras o desenvolvimento se faz sobre um pelotão da ala;

c) si a companhia está em columna de pelotões ou columna de esquadras, os pelotões da cauda só se desenvolvem á direita ou á esquerda do pelotão da testa.

3—Desenvolvimento de fracções da companhia, para prolongar a linha de atiradores, executado no logar occupado por estas fracções ou depois de se terem ido collocar atraz da sua frente de desenvolvimento.

4—Desenvolver fracções da companhia para

intercallal-as na linha de atiradores e nova divisão de pelotões, secções, e esquadras.

5—Augmento e diminuição de intervallos.

6—Separar da linha de atiradores fracções da companhia, fazendo-as retroceder ou detendo-as enquanto os outros atiradores avançam

7—Marchas extensas, para a frente, de grandes linhas de atiradores (constituídas de varios pelotões) e bem assim marchas retrogradas e de flanco nas mesmas condições. Veja-se tambem instrução individual a) 5 e 10. Mudança do pelotão base.

8—Conversões (cada pelotão por si e em seguida restabelecimento da ligação com o pelotão que se acha no peão). Veja-se tambem instrução esquadra a) 8.

9—Unir, cerrar, aos seus logares, á pé firme e em movimento (para as fracções que tiverem desenvolvido e para toda companhia).

10—Lances por pelotão, por secção, por esquadras e lances simultaneos de varios pelotões.

11—Remuniciamento.

12—Transmissão de ordens etc. como na instrução do pelotão em a) 9 e 10.

b) Exercícios no terreno e com inimigo.

Muito embora nestes exercicios se tenha sempre em vista o combate, recommenda-se entretanto não executal-o inteiramente, em todas as suas phases, desde a entrada no campo da lucta até a occupação da posição inimiga.

E' preferivel, ao contrario, executar parcialmente phases do combate, mas sempre com o inimigo representado por tropa, figurado ou pelo menos supposto. Estas phases de combate, que devem ser exercitadas sem ligação uma com a outra e sem obedecer á ordem em que aqui figuram, são as seguintes:

1—Marcha com aproveitamento do terreno até a zona do fogo efficaz da infantaria inimiga, com segurança de marcha, desdobramento, fraccionamento e emprego de formações que diminuam o effeito do fogo da artilharia inimiga (fogos de frente, obliquos e de flanco).

2—Primeiro desenvolvimento contra a infantaria inimiga (p. ex.: uma esquadra com intervallos muito grandes; uma secção com grandes intervallos, um pelotão com intervallos normaes, dois pelotões ou toda a companhia com pequenos intervallos ou sem intervallos, de accordo com a situação tactica do terreno).

3—Abertura do fogo e lucta pelo fogo, com direcção do fogo, repartição do fogo, fogo cruzado; modificações do objectivo quanto ao seu effectivo, natureza e actividade; reforçamento da linha de fogo e mudança de objectivo para toda a companhia, ou para uma das suas partes.

4—Avanço por lances, sendo por pelotões, por secções e por esquadras, conforme a si-

tuação tactica e o terreno. Os lances por esquadrões se empregam de preferencia para ir da posição de fogo da companhia até a immediata (nesta posição, intensa fuzilaria de toda a companhia, com suas fracções, na mesma linha de fogo).

5—Avançar de rastos com ou sem interrupção do fogo, por esquadrões, secções, pelotões e por toda a companhia.

6—Execução do assalto com representação dos dois casos seguintes:

- a) o adversario espera o assalto;
- b) o adversario retira antes do choque.

No ultimo caso fogo de perseguição.

7—Combate pelo fogo contra a cavallaria.

8—Preparação succinta, abertura rapida e energica execução do combate pelo fogo, de toda a companhia.

9—Combate pelo fogo contra metralhadoras.

10—Transposição de uma zona batida pelo fogo inimigo, conforme a situação tactica, a efficacia do fogo inimigo e o terreno, por esquadrões ou pelotões *em ordem unida*, uns em seguida aos outros, *no passo acelerado*, e *em ordem aberta* no passo sem cadencia e *marche-marche*.

11—Transposição de obstaculos.

12—Conducta do apoio.

13—Preparação e installação da posição de defesa.

14—Primeira occupação da posição.

15—Combate pelo fogo e reforçamento da linha de fogo.

16—Repellir o assalto do inimigo.

17—Retirada e passagem á ordem de marcha.

18—Conducta no caso de encontro inopinado com o inimigo (ex.: dentro de uma floresta).

19—Como conclusão da instrucção de combate, deve-se seguir a *execução completa* de um ou de alguns combates offensivos e defensivos, nos quaes o inimigo, se fôr possivel, deve ser representado por uma outra companhia. Os soldados devem achar-se providos de munição de festim, em abundancia, a qual deve ser poupada nos exercicios formaes de companhia, onde mesmo, frequentemente não se a emprega.

20—Ao lado destes exercicios, para instrucção tactica dos subalternos e sargentos e para facilitar a estes a comprehensão dos desejos e resoluções do commandante da companhia, habilitando-os a decidirem sempre em harmonia com seu chefe e, finalmente, para tornar efficiente a cooperação de todas as fracções no combate, o commandante da companhia deve com frequencia fazer conferencias e excursões tacticas, tendo sempre em vista uma applicação do que foi por elle ensinado.

(Continúa)

Capitão Souza Reis.

Caçada da Lebre

1º—Para desenvolver entre os officiaes e praças a aprendizagem do serviço de patrulhas na guerra, permittindo-lhes ao mesmo tempo um exercicio constante para o desenvolvimento de suas qualidades, ficam instituidos no regimento X os exercicios de *caçada da lebre*, aos quaes concorrerão por inscripção voluntaria grupos de praças (patrulhas) chefiados por officiaes.

2º—Para a organização dos exercicios será constituida uma commissão permanente, eleita entre os officiaes do regimento e composta de 1 major, 1 capitão e um subalterno.

3º—Em cada caçada as patrulhas terão organização variavel conforme a natureza do exercicio, sendo porem a organização de cada patrulha da competencia do official que a chefia, respeitadas as condições prescriptas para a comparabilidade.

4º—Só poderão inscrever-se para esses exercicios officiaes e praças que sirvam no regimento.

5º—Nem sempre haverá a patrulha—lebre—ficando a sua existencia dependendo do thema. Em qualquer caso, porem, sempre que houver, será a lebre considerada tambem uma patrulha.

6º—As inscripções para cada exercicio serão dirigidas á commissão permanente e deverão dar não só a organização do grupo como os nomes dos respectivos concurrentes.

7º—Feita a inscripção de um grupo, qualquer alteração deverá ser, quanto antes, communicada á commissão permanente.

8º—As patrulhas, excepto a lebre, serão sempre numeradas, e em hypothese alguma conduzirão distinctivo especial.

9º—O papel a desempenhar por todas as patrulhas será definido em um thema dado na occasião. A hora de sua leitura regulará o inicio do exercicio.

10º—As patrulhas poderão combinar os seus esforços; tanto a ellas como á lebre é permittido indagar dos habitantes tudo que lhes possa facilitar a missão. Por ser difficil apurar, ficará ao criterio da commissão, tendo em vista o thema organizado, julgar si se deve ou não atirar.

11º—A actividade de todas as patrulhas, inclusive a lebre, terá logar sempre dentro de uma zona que será limitada conforme o thema.

12º—Os chronometros de todas as patrulhas serão sempre regulados pelo do director da caçada.

13º—Cada patrulha deve conduzir uma ração de marcha (boia para o dia), porque o exercicio não se suspenderá por qualquer que seja o accidente.

14º—Como em todo exercicio a critica é que revela o ensinamento, a patrulha vencedora, mas somente ella, será honrada com essa distincção. A critica que será lida pelo presidente da commissão permanente, será a apreciação feita pela commissão da conducta da patrulha no desempenho de sua missão.

15º—Em homenagem á patrulha vencedora como um reconhecimento ás suas qualidades militares, fica instituido o (1) que consistirá num almoço que será offerecido em nome da officialidade do regimento e organizado pela commissão.

16º—O resultado de cada exercicio (classifi-

(*) Nome symbolico a escolher.

cação das patrulhas) será pronunciado pela comissão até quinze dias depois do exercício; na mesma ocasião, como aperitivo para o almoço, será feita a critica de que trata o numero 14.

17º — A comissão permanente tem autoridade para regulamentar os detalhes que não affectem as bases do presente regulamento.

18º — Incumbe á comissão:

a) A organização e execução das partidas, a direcção da caçada e o julgamento.

b) Entender-se com o commandante da unidade para dar ao exercício o caracter official.

c) Fazer os convites aos officiaes para o preenchimento das vagas que se derem durante o anno, mas respeitado o que prescreve o numero 2.

d) Organizar as partidas de modo que suas prescripções se amoldem aos principios geraes que regem esse serviço em campanha.

e) Pronunciar o julgamento até quinze dias depois da realização da partida.

f) Marcar o limite de tempo para as inscripções, receber os pedidos e as communicações sobre as alterações havidas nos grupos organizados.

g) Examinar se no dia do exercício todas as patrulhas se apresentam e se conduzem conforme as exigencias do programma de cada exercício e deste regulamento, para o que seu presidente desempenhará o papel de director de caçada no dia.

h) Providenciar sobre a zona, seus limites, levantamento e croquis para serem fornecidos ás patrulhas no dia.

i) Tomar providencias junto á unidade sobre o pessoal necessario para auxiliar a comissão não só na preparação do exercício como em sua realização, inclusive o serviço de soccorro.

19º — Não só as exigencias a fazer aos concorrentes, como as bases para o julgamento serão claramente definidas em cada programma particular.

*

* *

Programma para o 1º exercício

1º — Realiza-se no dia ... de ... etc., no quartel desta unidade, o primeiro exercício de caçada da lebre do corrente anno.

2º — As inscripções para este exercício deverão ser feitas até o dia ...

3º — Para o presente exercício cada patrulha terá a seguinte composição: 1 official, 1 sargento, 1 cabo (ou ampeçada) e 3 praças.

4º — O exercício consistirá na actividade de varias patrulhas com determinada missão, lançadas contra uma patrulha inimiga (a lebre) a qual conseguiu penetrar na nossa rede de postos avançados.

5º — O thema fornecido no dia e os demais esclarecimentos feitos pela comissão permanente definirão precisamente a situação dos concorrentes.

6º — Para a lebre não haverá inscripção, sendo a sua organização da competencia da comissão permanente e feita mediante convite.

7º — Os uniformes de todas as patrulhas, lebre inclusive, conduzirão espada, pistola, binoculo, bolsa, bussola e tudo que os mesmos julgarem indispensavel nesse genero de exercício. Os demais homens irão a meia marcha.

8º — No fim de cada 30 minutos após a partida, todos os grupos, inclusive a lebre, são

obrigados a parar para tomar as suas notas sobre os accidentes e mais factos importantes occorridos nesse espaço de tempo.

10º — Cada commandante de patrulha, lebre inclusive, é obrigado a apresentar, meia hora depois de terminado o exercício, um relatório em meia folha de papel almaso no maximo, junto ao qual reunirá tambem a copia topographica da zona com as indicações dos pontos onde se encontra, precisamente, no fim de cada 30 minutos após a partida.

11º — Qualquer dos grupos que se dispersar, inclusive a lebre, é obrigado a dizer em seu relatório o que motivou a dispersão, lugar onde se deu e hora; identicamente: todo o grupo que dispersar a lebre dirá em seu relatório o lugar onde se deu a dispersão e hora.

12º — No presente exercício é prohibido o emprego do tiro de festim pelas patrulhas.

Critério para o julgamento

13º — O julgamento será feito pela somma dos pontos que obtiver cada patrulha.

14º — A patrulha que alcançar um numero de pontos igual a zero ou negativo será desclassificada.

15º — A contagem dos pontos se fará do seguinte modo:

— Captura do official... 4 pontos; — captura do sargento... 3 pontos; — captura de um qualquer dos outros homens da patrulha... 1 ponto; — captura de toda a patrulha... 12 pontos.

Dispersão da lebre por uma patrulha, sem resultado — 2 pontos. Não entrega do relatório — 2 pontos. Não entrega do croquis — 2 pontos. Perda dos homens da patrulha o mesmo que já foi estabelecido para a captura, mas negativamente. — Irregularidade observada quer pela missão, quer pelos proprios concorrentes, mas insophismavel — 3 pontos.

Observação do que fôr prescripto no R. S. C., mas apenas o que fôr compativel com o exercício e fôr possível apurar... 3 pontos.

16º — A comissão attenderá nos demais esclarecimentos que não foram aqui previstos.

...

Taes são as bases, ou antes, a lembrança que lanço para a organização de tão uteis exercicios.

O trabalho que apresento é apenas um esboço, cabendo a cada unidade imprimir-lhe o polimento necessario para que tudo se concilie e se faça com proveito.

A boa vontade da officialidade, manifestada no interesse para que o exercício se realice, tanto quanto possível semelhantemente á realidade da guerra, e, portanto, com proveito, é talvez o principal factor de successo.

Para outros exercicios podem ser organizados themas que obriguem os mesmos a terem logar á noite.

Os exercicios á noite são particularmente proveitosos. Por exemplo, os themas que dão ás pequenas patrulhas a missão de guiarem á noite as columnas na aproximação de uma posição defensiva, segundo um balisamento por ellas feito ainda com luz.

Um outro typo de thema é o que fornece ás patrulhas a missão de capturar um p. p., sendo as mesmas obrigadas a atravessarem a linha de sentinellas. Neste caso o posto pode ser figurado e desempenharia então o papel de lebre.

Ainda como typo interessante de themas se pode fornecer aquelle que consiste em raids de patrulhas lançadas sobre uma posição com o objectivo de reconhecê-la. Para este typo, a posição deve ser preparada com figurativos representando tropas, disposições, extensões, etc. Uma linha irregular de sentinellas limitará a approximação maxima dos raidmen. Vencedora neste caso deve ser a patrulha que fornecer o melhor reconhecimento.

Thema

(Para as patrulhas)

Uma patrulha inimiga conseguiu penetrar em nossa rede de postos avançados e acaba de ser vista em X. E' preciso captural-a para evitar que o inimigo colha informações.

Ponho ... homens á vossa disposição. Z.

(Para a lebre)

Sua patrulha foi encarregada de um reconhecimento sobre a posição inimiga; conseguiu penetrar em sua rede de segurança, foi descoberta e está de fuga. Em sua perseguição foram lançadas varias patrulhas. E' preciso que me traga o resultado de seu reconhecimento. X.

1º Tenente Barbosa Monteiro.

O regulamento de equitação

ERROS DE METHODO

(Continuação)

As duas partes principaes em que um regulamento de equitação se deve dividir serão certamente a que entende com o ensino do cavalleiro e a que trata do adextramento dos cavallos novos, precedidas necessariamente de uma exposição clara das lições de equitação.

Não basta que se reünam em algumas paginas de um livro noções esparsas de equitação, para se ter um regulamento militar. E' preciso antes, que tudo obedeça a um methodo, cuja applicação facil esteja perfectamente traçada, porque neste assumpto não é sufficiente ensinar o que se deve fazer, e sim tambem como fazel-o. Alem disso, pelo seu caracter militar, é indispensavel que tudo se faça a vozes de commando.

Sob o ponto de vista do methodo é necessario ainda dar como introdução os ensinamentos geraes proprios a facilitar a boa marcha da instrução.

Assim, a nosso vêr, um regulamento de equitação deverá conter:

- uma introdução, com as generalidades indispensaveis;
- lições de equitação;
- ensino do cavalleiro;
- adextramento das remontas.

Os resultados a obter no ensino dos recrutas dependem a um tempo das exigencias impostas aos cavallos e cavalleiros e do modo racional de dar a instrução. Por isso tem importancia capital no regulamento a exposição das lições de equitação, onde devem ser explanados os recursos da arte equestre; e se alguma cousa, neste particular, tem de ser deixada ao criterio do instructor, esta será a escolha da época em que passará de uma lição a outra.

O R. Eq. mandado adoptar provisoriamente attenta contra todos estes preceitos.

Não distingue as duas partes essenciaes, que são o fundamento da preparação da tropa de cavallaria. Dos dois periodos de instrução que constituem os seus capitulos principaes, o primeiro tem o «fim exclusivo de dar assento ao cavalleiro», e o segundo contem «os recursos para elle melhor se aproveitar de sua montada». Nada diz o regulamento sobre o trabalho das remontas, parecendo cogitar exclusivamente do preparo do recruta, não obstante pretender que «para o ensino do cavallo encontrar-se-á a marcha a seguir para se obter o posto na mão» (?). Póde-se asseverar mesmo que a não ser umas leves allusões e as «regras para a doma», que vêm nos annexos e as quaes preconizam ainda o processo de tortura das correias numero 1 e 2 e celebre cataplasma, (1) a questão capital do ensino do cavallo foi posta de lado. Esta inadvertencia é um grave erro: o systema gaúcho, outr'ora tão preconizado, não é applicavel á tropa.

Normalizada a questão da remonta no Exército, os regimentos receberão animaes de duas fontes: — provenientes dos depositos de remonta e adquiridos directamente, quando os depositos não os tenham em quantidade sufficiente. Os primeiros devem ser chucros, pois, segundo pensamos, nos depositos os animaes serão acostumados somente ao regimen e trato militar, o ensino ficando a cargo dos commandantes de esquadrão. Os animaes comprados para a remonta directa terão domas diversas e apresentarão irregularidades no ensino, que precisam ser corrigidas.

Uns e outros devem ser sujeitos a um methodo racional de adextramento, de modo a estarem em condições de tomar parte nos exercicios de conjuncto dos esquadrões, findo um certo periodo que o regulamento tem de estipular. E' preciso, portanto, que o regulamento defina com o maximo cuidado qual o *objectivo*, o *curso* e os *principios* do adextramento e estabeleça a seriação das lições a applicar ás remontas, desde o tratamento do cavallo novo até o manejo e emprego das armas de cavallaria. E é principalmente este corôamento do ensino do cavallo que assegura a sua utilidade para o serviço militar. Manter nos estreitos limites do «manejo» e «andamentos», marchas e saltos, o ensino do cavallo de tropa, como seria o exigido para o cavallo de um sportmann pouco exigente, é deixar a sua educação pelo meio, tornando-o improprio ao seu emprego na guerra.

Um regulamento de equitação para o Exército, além do acerto de suas lições, methodicamente esplanadas, precisa encerrar preceitos de caracter militar referentes ao ensino em conjuncto, indispensavel á instrução da tropa. A «lição de domar» do regulamento, que expõe um processo francamente condemnado e abolido nos exercitos modernos, pelo que tem de irracional e grosseira, alem de danificar o animal novo, é inapplicavel á tropa. Ella exige, pelo menos, meia hora diaria para cada animal, que deve estar só no picadeiro, ou sejam 6 horas para uma remonta de 12 cavallos, média annual razoavel por esquadrão. E' um esforço demasiado grande para ser exigido de um in-

(1) Esta parte merecerá um estudo especial.

structor, que alem do mais não se deve preoccupar exclusivamente com a equitação.

*
* *

No que diz respeito á instrucção do cavalleiro, o regulamento tambem não satisfaz as exigencias da tropa.

Principia nada dizendo sobre a progressão das lições e divisão do tempo de trabalho, classificação dos cavallos e cavalleiros do esquadrão em escolas ou secções para a instrucção individual, movimentos em conjunto e figuras convencionaes do picadeiro necessarias á facilidade do ensino. Os seus preliminares, de tres paginas apenas, não dão ao instructor os elementos indispensaveis á applicação dos preceitos insertos nos dois capitulos de instrucção. Elles só seriam completos se contivessem todas as generalidades indispensaveis ás lições de conjunto.

O primeiro periodo de instrucção contem nas 7 primeiras secções as regras para montar e aprear, pôr o cavallo em marcha e parar, gymnastica, volteio e volta, trabalhando ao passo, trote e galope. E' sómente na 8ª secção nos «movimentos principaes da mão», no fim, n'um canto do livro, que se ensina a voltar e mudar de direcção; e isto mesmo tendo as quatro redeas na mão esquerda, quando todo o trabalho anterior é feito de bridão, redeas separadas. E assim o recruta passará cerca de 47 dias de exercicio trabalhando n'uma *recta indefinida*, sem recurso para fazer o seu cavallo tomar á direita ou á esquerda. E' de notar que nestes 47 dias de trabalho em *linha recta* está incluída a 6ª secção, de passeio no exterior.

A questão das ajudas, cuja combinação e emprego constituem a *chave da equitação*, como o proprio regulamento reconhece na «Introdução», está lamentavelmente confusa. A adopção da expressão *auxilio*, empregada ora na accepção de *ajuda*, ora com significação diversa, veio prejudicar a comprehensão, com a desvantagem de trazer uma innovação desnecessaria.

Mas, é na parte basica do ensino do recruta que o regulamento veio incutir no espirito dos jovens officiaes da cavallaria a noção mais fundamentalmente errada que elle contem em materia de methodo de instrucção.

A posição e attitudé do soldado no serviço constituem a base de sua educação militar em todos os ramos da instrucção. No que diz respeito á equitação, a posição do cavalleiro é indispensavel ao dominio sobre o cavallo exigido para a utilisção efficaz das armas de combate. Obtel-a e conserval-a por lições precisas, é a primeira condição, o fundamento da equitação. Por iso o R. Eq. devia prescrever que *durante toda a instrucção, em todas as escolas o objectivo principal do instructor deve ser — obter o bom assento* —, a que corresponde a posição militar a cavallo. Só com o assento correcto é que se pôdem applicar ajudas promptas, opportunas e efficazes, pelas quaes o cavalleiro transmitté ao cavallo a sua vontade e o domina.

Não vae isto a dizer-se que desde o começo seja o recruta forçado ao assento regulamentar. A regra é: — «primeiro inteiramente á vontade,

depois posição militar» —. Mas o regulamento deve definir logo nas primeiras paginas qual a attitudé correctá do cavalleiro, que o instructor se esforçará incessantemente para obter de seus soldados.

(Continúa)

Lima Mendes e Euclydes de Figueiredo.
1º Tenentes de Cavallaria

A reconstrucção da fortaleza de Santa-Cruz

Impossivel até hoje, saber-se da orientação que dirige a defesa da nossa barra. Vinte e cinco annos são passados após a apresentação do projecto americano, amplo e dispendioso, quasi phantastico pela ousadia de sua concepção e pela critica dos technicos de então, á frente dos quaes, sobre o assumpto, pontificava, sem desmerecer dessa situação de destaque, o saudoso Borges Fortes. Não houve acceitação de alguns dos rumos indicados, mas, como si fossem consequencias de novos planos e não as do cotejo forçado daquellas opiniões bem firmes, resultaram logo duas obras — o Imbuhy e a Lage — e, posteriormente, a de Copacabana, a primeira e a ultima mal dispostas, e todas insufficientes numericamente. Mais tarde, como de surpresa, iniciou-se o estabelecimento de duas baterias de obuseiros — S. Luiz e Vigia — de efficiencia discutivel. Agora, segundo se lê nos diarios, de duas se cogita e até já se disse de sua pesada artilharia com certa massa de detalhes que, a mais não ser, é curiosa em conveniencias, razão por que não são illogicas estas linhas, ha muito escriptas e que, num silencio patriotico ficariam, si não conhecessemos, agora, ser o mutismo um cumplice de construcções defensivas que julgamos de pouco ou nenhum effeito.

Certamente, não se deve pensar que a direcção importantissima da nossa defesa costeira corra á mercê das periodicas administrações da Guerra, mas tudo nos leva a crêr que derivações ella tem soffrido, incabiveis em normas de serviços serios, sem que, contudo, caiba a minima parcella de responsabilidade aos artilheiros, — gosto de repisar este ponto — profissionaes que, sob a lettra dos regulamentos e do elemental bom senso, deveriam ser ouvidos sufficientemente em casos dessa natureza. D'outra forma, não se explica o silencio, de certo modo aggressivo, dos nossos technicos sobre a chave da defesa do Rio, contra a qual, parece, se desencadeiam as iras das idéas modernas mal sabidas e, por isso, acceitas prematuramente.

Desde o inicio da remodelação do velho systema de fortificações da Republica, foi projectada a reconstrucção de Santa-Cruz, adiada, então, por motivos de ordem economica e, depois, naturalmente pelo já exposto. — das modificações successivas no modo do alto enxergar as cousas que dizem respeito á defesa nacional — não mais se tratou da velha fortaleza, apesar de existirem dois projectos, dignos de estudo, Aguiar — Leite de Castro e Conceição Monte — para transformal-a radicalmente, trabalhos apresentados expontaneamente, tal a influencia que, no espirito dos seus auctores, exerceo a localisação da antiga obra portugueza e sobre a qual nunca houve opiniões que a depreciassem, a não ser agora, que um pretensso «cruzamento de fogos» e um impossivel afastamento effi-

caz da defesa, com character de proficua e unica, estão a perturbar, outra vez, com razões que se não applicam ao caso, mas dellas se aproveitam como mascaras, a marcha intelligente da fortificação do nosso porto, de modo tal que Santa-Cruz nada mais é do que um simples quartel, uma pequena villa militar, desde que ninguem nella quer vêr um espantinho tradicional, como, por dezenas de annos, aconteeço, e, hoje, nem esse aspecto moral ella possui.

A respeito desse descaso, ha quem diga que elle foi providencial porque a *nova fortaleza* teria sido um gasto inutil, visto como, a esta hora, estaria a necessitar de ser abandonada ou transformada. Esquecem-se, contudo, aquelles que em materia de internacionalismo confiam no acaso, que estivemos ameaçados de ruptura em nossas relações, momentos que não foram evitados sem que se olhasse para a ridicula defesa do Rio, e que uma revolta, em que um só elemento era de valor, deprimio, principalmente porque Santa-Cruz nada valia, o moral dos nossos bravos artilheiros que dispunham simplesmente de uma *vólvô*, sem alcance e mal collocada, sem que essa fortissima attenuante os livrasse da perfeira apreciação de Grasset, sobre o periodo 1893-94, e com a qual, apesar de fazer o parallello entre as artilharias em lucta, nos taxou de incompetentes.

Não ha uma só autoridade, dessas que sufficientemente tratam da defeza costeira, que tenha a audacia de negar o valor inequalavel dos paes: — as opiniões rematam sobre elle, tal a magnitude do assumpto. Nesta questão, embora haja a desculpa orçamentaria a encobrir, como causa principal, o esquecimento do local em que está Santa Cruz, ha, de facto, contrarias ao seo aproveitamento, interessantes razões que se resumem no seguinte: — a defeza deve ser, o mais possivel, encaminhada para fóra, afim de evitar-se o bombardeio da capital, do largo e por cima das cristas que a cercam, deixando o passo fracamente armado e somente capaz de enfrentar as unidades de fraca tonelagem que escapem aos grossos calibres; a viabilidade do seu forçamento; a possibilidade de um combate que, por sua proximidade, possa damnificar a cidade, etc.

Ha nisto tudo, prejudicando a propria segurança da capital, o eterno receio de que ella seja attingida em tal occasião, como si preferissem que o aggressor vencesse o passo e acomettesse de *plein fouet* a cidade, ou si aquelle mal lhe viesse do artilhamento do mesmo e algum fosse capaz de pretender somente garantil-a com tal defeza tão exclusiva. Em relação ao franqueamento da garganta da nossa bahia, parece que os crentes na segurança dessa operação estão ainda embevecidos com as antiquadas declarações de Farragut, após ter atravessado uns intervallos sem importancia, façanhas que deram lugar a que escrevesse emphaticamente «ser possivel o forçamento dos passos defendidos por fortes», sem que a sua honestidade de marinheiro dissesse qual o valor das obras por elle atacadas, pois, no relato das suas *audaciosas* empresas, não confessou que taes fortes estavam quasi desarmados e eram baterias baixas. Mas, para chegar-se a comprehender a força das asseverações de notavel marinheiro, temos á mão prata de casa, durante o periodo, já apontado, de 93-94....

A primeira das causas citadas — o afastamento da defeza para fóra da barra, tem valor relativo, mas não obrigando isso ao quasi abandono em que está o passo. A idéa é velhissima e sempre foi constante no espirito dos nossos profissionaes, e, principalmente de Zalinski, que a expressou num projecto exaggerado, mas nenhum delles pretendeu dar á nossa primeira linha de defeza um character de supremacia, relegando para segundo plano as posições magnificas da nossa barra, nas proximidades do passo. Demais, o afastamento da defeza primordial é aconselhada quando a situação topo-hydrographica o permite, quando, por ex., se trata de um longo canal precedendo um porto, e isto não é o nosso caso.

Ora, é aquillo que, agora, se pretende, e, nesse afan, em que é nota principal a preocupação do artilhamento exclusivo, avançamos mais do que radicalmente. Tenho ouvido que iremos longe na materia, cuidando do artilhamento de Itaipú e Mariscos, de que se espera efficacia tal que, quasi nada mais é preciso para impedir aproximações de esquadras do nosso porto.

Não me arreceo de affirmar, proseguindo na minha velha campanha, durante a qual, ha dez annos, se iniciaram discussões sobre a fortificação das nossas costas, ser um absurdo o abandono dessa posição invejavel que é Sta. Cruz, onde se podem installar baterias de todos os generos, baixas e altas, dotadas dos calibres convenientes, e até a torpedica.

Quaesquer que sejam as opiniões de peso, concordam todas em que haja uma linha afastada do passo, mas, agora, é de crêr que ella seja a levemente quebrada, pontuada por Itaipú, Copacabana e Mariscos, surgindo este sem explicação, porque nem para o vetusto cruzamento do fogo elle servirá — içando-se para o primeiro e terceiro daquelles pontos a grossa artilharia americana que, si não adquirida, está por isso, e, com essa interessante frente de obras poderosas, ha quem garanta a inexpugnabilidade da nossa defeza contra as investidas ao porto. Penso que os auctores da originalissima linha, uma verdadeira *idéa-mãe*, como diziamos nos mãos tempos da Praia Vermelha, si derem seguimento á mesma, a fortificação do Rio se estenderá até Santos, mesmo porque, a essa predominante idéa, devemos juntar a curiosa tendencia que temos tido pelas pontas baixas.

A longa linha Itaipú-Mariscos, perfeitamente franqueavel, é uma descachida de bom senso, porque, para sanar a sua inocuidade, é mistér a intromissão de Copacabana, mesmo com a sua numericamente minguada artilharia, e a de Mariscos, quando muito, servirá para afastar um comboio cujo desembarque demorará somente, sem evital-o, visto como, respondendo á grossa artilharia de bordo, seria isso mais uma prova da inutilidade de taes canhões em operações desse genero, isto é, no momento critico de tal acção: — transformar-se-hia em defensor da restinga de Jacarépaguá.

Veamos a situação, depois de concluidas as obras, *permanecendo o passo como está*. O aggressor salienta-se por quatro unidades de forte tonelagem e as miudas que tacticamente devem acompanhá-las, pouco nos importando qual a sua missão — si desobstruir de artilharia o caminho para um grande comboio de desembarque, si fazer energica investida ou simples demonstra-

ção exploradora para conhecer o passo, como ha sido commum proceder-se. Elle tem que atravessar, primeiro, a linha já referida, Itaipú-Mariscos, longa de 25 kilometros, defendida nos seus extremos por quatro canhões de 305. de 18.000 yardas ou 16 kilometros approximadamente, de alcance, e dois outros em Copacabana. Sabendo que nós possuímos esses dois pontos fortificados, dos quaes tem informações exactas de suas cotas e artilhamento, obtidas pela imprensa e confirmadas pela espionagem, o inimigo collocar-se-á em disposição tal que seus canhões grossos, formando um total de 48 peças de calibre igual ao das obras, só se dirijam para uma dellas, isolando-a completamente para, si não destruil-a, pelo menos inutilisal-a por algum tempo. Pelas disposições das costas L e O, que divergem numa amplitude de quasi 180°, como si uma fosse o prolongamento da outra, Itaipú e Mariscos não se apoiariam em absoluto, e Copacabana, nesse duello desigual, ficaria reduzida á expectativa.

Não é concebível que, por mais vantagens que sejam as condições da artilharia costeira sobre a naval, qualquer daquelles fortes — que não se lhes chamem de «fortalezas», como é de uso official — fique em situação de prolongar a lucta, pois não ha exemplo da resistencia vencedora de uma obra unica de tal valor bater um atacante assim superior, mas sim um systema dellas; o prurido dessa defeza tão ao largo faz esquecer que a situação da costa isola cada uma dessas obras, frustando-lhes positivamente o valor mutuo.

Destruido um, não será preciso prejudicar o outro, bastando forçar a linha nas proximidades da obra annullada — Itaipú, naturalmente — sem receio de ser attingido pelo interessante Mariscos, espantallo que vae ser carissimo, e marchar, a toda velocidade, parallelamente ao sacco Itaipú-Telegrapho, apontando rapido defronte do Imbuhy, depois de ter alguns disparos de Copacabana, quasi impossibilitada de atirar, então, para não maltratar a defeza movel da restinga da lagôa de Piratininga e adjacencias. Aliás, si esta defeza não existisse, facto que não seria para espantar, á distancia de nove kilom. não daria á Copacabana a energia capaz de prejudicar os couraçados a ponto de inutilisal-os, e, si entrarmos com o valor dos explosivos, aliás commum a ambos os adversarios, claro está que, antes de um forçamento á barra, o atacante preferiria calar aquella bateria com o emprego de taes elementos. Enfrentando o Imbuhy, a artilharia deste, mesmo atrasada de 25 annos, será efficaz, por trabalhar dentro da zona do tiro tenso, mas, parca de canhões, os effeitos serão poucos. E o Telegrapho e a Tabaiba abandonados... D'ahi em diante, a lucta tomará um caracter serio, vivo, nutrido de fogos, sustentada pelas duas grossas torres do Imbuhy e da Lage e pela artilharia media que exclusivamente fortifica os nossos dois quartéis de tropas costeiras — S. João e Sta. Cruz (1). Então, da esquadra, o fogo será experto, como uma diversão desesperadora, para que a elemental defeza submarina do passo seja destruida. Ora, por mais porfiado que seja o combate, equilibrados em preparo e valor os combatentes, o desequilibrio ma-

terial, — mesmo que se dê brutal porcentagem a favor da artilharia costeira, mas da qual só ha ridiculos e pretenciosos calculos que exaggeram demasiadamente as vantagens da mesma, prejudicando o seu indiscutivel valor real, — é consideravel e não pode deixar duvidas sobre o resultado da aggressão, e, nessa occasião, naturalmente os apologistas da exclusiva defeza ao largo, socegradamente trepados no Pão do Asucar, poderão conhecer o valor de suas opiniões.

A nossa parcimonia sempre nos tem levado a dispôr a nossa artilharia binaria e erradamente, por grupos isoladissimos, dando-se, como razão disso, a *felicidade* dos tiros de bordo — como julgamos mal os artilheiros do mar! — sobre uma bateria densa, mas os que assim pensam se esquecem que, hoje, ellas se alongam, separando convenientemente as peças, por unidade ou conjugadas, estas quando sob cupolas. Fóra disso, somente a deficiencia de espaço pode justificar modificações logicas.

Sem a minima intenção de procurarmos minucia em tactica naval, apresentamos uma esquadra organizada *à la diable*. Si tivermos, para exemplo, uma constituida o mais racionalmente possivel, equilibrada, com suas unidades aptas a cada mistér, lançando as suas tonelagens de ferro e aço com mais segurança, o que será dessa defeza, melhorada, como se pretende, e que passa a receber maior numero de alvos? Mesmo ferida em elementos de valor, essa esquadra forçará facilmente a barra, si não quizer iniciar a acção lenta de destruir as nossas obras desapoiadas. E' facil isso. A nossa barra tem uma fórma que só permite a intensificação defensiva no polygono do passo, salvo si aquella primeira linha de defeza fôr modificada racionalmente, abandonando-se o inutilissimo Mariscos, e substituindo-o pela Rasa, posição esta de que se não cogita, apesar de indicada pelo *dedo da Natureza*, benigna fornecedora de parapeitos para a nossa grossa artilharia. Essa linha avançada seria constituida, portanto, por Itaipú, Rasa e Copacabana, esta transformada em victima, quando o ataque vier pelo sector de Oeste, nas condições de hoje.

Fortificar a Rasa — é direcção velhissimamente apontada e não uma novidade com ares de utopia, como pensam alguns. Devemos fazer della uma obra fortissima, uma Heligoland em ponto menor, pois as suas dimensões permitem um artilhamento extenso e poderoso. Flanqueada por Itaipú e Copacabana, estes modificados numericamente, não evitaria em absoluto, é certo, um forçamento do seu bloqueio defensivo — deixem passar o paradoxo — mas, quando elle fosse conseguido, o inimigo talvez pouco tivesse de valor para atravessar o passo.

A não penetração dos portos militares de 1ª ordem foi sempre evitada pela agglomeração das obras na golla e, recentemente, Porto-Arthur e Dardanellos não foram invadidos por taes motivos e, mais, porque suas defesas *dominavam das alturas*. Ao estreito turco, o ataque foi o mais formidavel que se conhece e servio para abater o orgulho britannico nas feridas mortaes de suas naves e na situação de mero bloqueio a que se reduzio. A garganta da nossa bahia, a tal respeito, está semelhante ou melhor quanto á largura e posições elevadas, do que a de Dardanellos, mas inferior, por não ser de margens longas. Para contrabalançar a enorme profundi-

(1) Não entro em linha de conta com as baterias de obuzeiros, por motivos bem dignos de serem estudados, mas que devem ser calados.

dade das nossas aguas, despidas de bancos e abrolhos e a muita corrente que diffulta a installação submarina permanente, mas possível, temos a situação orographica do littoral a dar-nos pontos de cotas varias para um artilhamento seguro.

Ainda que se realise a 1.^a linha, a defesa tem que ser intensa nas immediações do passo, visto como a infallibilidade daquella, mesmo modificada com a intromissão da Rasa, não é cousa que se possa affirmar com toda a segurança: não só, na guerra, as surpresas se multiplicam, como tambem, sem ellas, as distancias de 8 e 14 kilometros, existentes na Rasa respectivamente para Itaipú e Copacabana, dado o caso de um ataque de uma forte esquadra, permitirão que a maior parte de suas unidades escapem para forçar o passo.

Não ha um só exemplo que venha affirmar a segurança da 1.^a linha de defesa pretendida. Si tivéssemos ilhas como a de Wight, fechando a bahia de Portsmouth e de Heligoland que, embora um pouco afastada do littoral, é o centro de toda a defesa formidavel do Elba, pois tal poderio lhes vem principalmente da sua extensão, poderíamos socegar a respeito. O triangulo, formado pelos pontos citados, apesar de deixar saliente em demasia a posição da Rasa, razão por que se lhe pede extenso artilhamento, é uma respeitavel guarda avançada, capaz de muito, mas não de evitar em absoluto o forçamento do passo. A contemplação da caria e a percepção panoramica evidenciam brutalmente o caso: a concepção de termos ali a mais forte defesa nossa representa cousa nova, ousadias improprias deante da artilharia naval que, pelo menos, já subio numericamente e está a tratar de conseguir meios para fugir aos desvios causados pelas vagas.

Todos os paizes se apegam aos passos para efficiencia da defesa dos seus portos. Qualquer dos pontos do nosso aproveitará toda a energia da artilharia que racionalmente lhe derem, sem que, atacado, não tenha em seu soccorro todo o systema de obras, produzindo-se, então, as provas do não franqueamento do porto, provas que são as mesmas que se darão em todas as conhecidas defesas de 1.^a ordem porque — examine-se o Didelot — apresentaram e apresentam o aspecto de organização.

Nada nos tem indicado que devemos inverter essa feição commum e simples, buscando principios novos, inapplicaveis aqui, nos momentos de crise, mesmo quando a guerra actual está provando que a situação defensiva dos portos é a mesma de sempre, tem caracter superior ao offensivo das esquadras, sem que, comtudo, se possa estabelecer uma proporção entre esses valores.

Si não o conhecimento das cousas costeiras, pelo menos o bom senso está mostrando que o caminho, que se deveria ter seguido, o de começar a construção das obras do passo para o largo, como se fez a principio, mais do que nunca, impõe-se seriamente. O desvio, que se lhes deu, exige consequentes palliativos: Copacabana tem que pedir mais elementos...

Citemos, por fim, a favor do nosso modo de pensar, um factor que tem sido despercebido extranhamente — o nevoeiro. Commum á nossa barra, apresentando quedas bizarras, nunca li que tivesse impressionado aos autores de varios projectos para a defeza do Rio ou aos fixadores de

pontos necessarios á mesma, a quem tem bastado a carta de Delamare, aproveitada pelo almirantado inglez e visitas locais, com o ifm unico de verificar o campo de tiro e a altitude. Posso affirmar, sem ser muito accaciano, que o nevoeiro é um serio elemento a favor dos nossos aggressores e do valor do passo. Desde Abril, que o examino diariamente. Tivemos, até hontem — 8 de Outubro — 78 dias nublados: em quasi todos, foi mais intenso para o lado de O e, em vinte dias, foram geraes e permaneceram. Quando o nevoeiro era cerrado, o Imbuhy percebia os navios á distancia de 800 a 2.000 metros, e, quando fraco, a nossa percepção attingia a 5.000 metros, mais ou menos, pois calculamos estas dimensões, auxiliando-nos dos pontos de referencia. Citaremos tambem o caso curioso de sua accumulção ora baixa, ora alta, e raramente envolvendo todas as cotas.

Comprehende-se que ao inimigo se apresenta a madrugada como um tempo propicio á investida do passo. A primeira linha não o perceberá, mas o polygono defensivo do passo o verá, na maioria dos casos e, na garganta, a silhueta dos navios é apanhada sempre por qualquer das suas abras, o que lhes é desvantajoso por causa da acção submarina e da lentidão da marcha a que são obrigados.

Tenho por seguro que essa occasião será sempre a escolhida para uma acção de forçamento e, então, si o passo não estiver artilhado intensamente, isto é, si Santa-Cruz, principalmente não fôr uma fortaleza de verdade, a defesa do Rio não existirá, por mais dinheiro que se gaste com a fortificação ao largo.

Em *quaesquer condições*, ella é efficaz e cremos ter demonstrado bem claramente isso. Modifiquem-se as obras dos seus arredores e maiores garantias teremos na defesa, mas, para que esta seja completa, é uma necessidade inadiavel a reconstrução da velha fortaleza. Obras longinquas, afastadas muitissimo umas das outras e despidas dos auxilios mineiros fixos, podem dar occasiões para valorisarem a defesa local e, portanto, restricta a zonas evitaveis, mas o seu conjuncto não amedronta porque a linha media, tomada como derrota pelo inimigo, corresponde ao enfraquecimento potencial da artilharia costeira.

Imbuhy, 9.—10.—1917. Capitão Jansen Tavares.

Fogo ceifante na artilharia

Pelas recentes instrucções para os concursos de apontadores na artilharia de campanha, que substituíram as annexas ao R. E. A., e pelas identicas instrucções para a artilharia de montanha tambem recentes, publicadas em anticipação ao R. E. A. M. ficou adoptado o fogo ceifante para o obuz e para o canhão de montanha.

Ambas estas peças são susceptiveis de mudanças de direcção sobre o reparo, ou mais precisamente sobre o porta-berço, em muito menor amplitude, é verdade, que o canhão de campanha (pouco mais da metade).

Ao fazer a primeira pontaria, ou depois de aberto o fogo deve-se em qualquer das peças fazer as pequenas correcções de direcção pelo respectivo volante, emquanto possível. E' portanto admissivel o tiro em direcção fóra da perpendicular ao eixo das rodas; e que differença haverá no comportamento do material em uma série de tiros de direcção obliqua variando sem regra, á mercê das necessidades da regulação da direcção ou em unia série de tiros variando regularmente de direcção da direita para a esquerda ou vice-versa, a ceifa? Porque então não admittir a ceifa no obuz e no canhão de montanha?

E' verdade que nestas duas peças com a obliquidade crescente da linha de tiro em relação ao eixo das rodas diminúe a precisão da direcção; mas também é verdade que se deve, como no canhão, só applicar a ceifa para as frentes que não excedam de cerca da metade da capacidade total do deslocamento pelo volante de direcção (250‰ para o canhão, 140‰ no obuz e no canhão de montanha), e que a ceifa só é indicada para o tiro de tempo, caso em que não tem capital importancia que o tiro se faça á risca.

E' verdade ainda, que o volante de direcção do obuz e o do canhão de montanha não têm punho, o qual não só facilita o seu movimento, como permite ao apontador pela posição inicial desse punho, gravada de memoria, contar as voltas ou meias voltas de volante. Mas, também é verdade, os deslocamentos desses 2 volantes são cerca de metade menores que os do canhão de campanha para o mesmo effeito de direcção, pelo que o punho não faz muita falta; e quanto á marcação da posição inicial de um ponto para contagem das voltas bastará um ponto pintado de branco no extremo de um dos raios, ou pintar todo um raio.

Emfim, o material que por construção admittre mudanças de direcção de tiro sem deslocamento do reparo, também admittre a ceifa; a ceifa é um processo muito vantajoso no tiro de efficacia quando a frente a bater é muito extensa, sem exceder dos limites acima indicados, porque permite cada peça cobrir o seu quarto de frente sem desancorar o reparo; ella era já regulamentar para o canhão de campanha, nada impede, tudo aconselha estendel-a ao obuz e á montanha; a com-

petencia e a boa vontade do official facilmente tornarão effectivo esse progresso.

Como ficou implicitamente acima indicado, no obuz e na montanha a ceifa simples exige meias voltas, a ceifa dupla voltas inteiras do volante de um tiro a outro.

Capitão Klinger.

Cuidados com a saude

Do "Privates' Manual", do major Jas. A. Moss, do exército norte-americano.

(Continuação)

As differentes maneiras de se adquirir uma molestia infecciosa

Ha sómente cinco modos de se apanhar essas doenças, a saber:

- 1º — *Aspirando os germens vivos;*
- 2º — *Ingerindo os germens vivos;*
- 3º — *Pelo contacto com os germens vivos;*
- 4º — *Pela introdução dos germens vivos na pelle, em consequencia de picadas de insetos;*
- 5º — *Por herança dos paes.*

Quem vivesse sosinho em uma ilha deserta, não poderia apanhar essas doenças, porque não haveria de quem adquiril-as, e se viessem para a ilha milhares de pessoas saudaveis ainda assim não haveria doença alguma, porém, se chegasse um unico individuo doente, ou «portador», este seria sufficiente para tornar doentes todos os outros.

Os germens das doenças que podem ser apanhadas respirando dão-se bem na cavidade interior, escura, quente e humida do nariz, da garganta, da trachéa e dos pulmões, e são expellidos quando se tosse, espirra ou sopra; ficam fluctuando no ar, em minusculas bolhas, ou cahem e se misturam com a poeira que o vento levanta e desta maneira são respirados; também podem ser transmitidos directamente no acto de beijar um doente.

Como se evitam as doenças cujos germens podem ser aspirados

Não visitar as pessoas doentes nem entrar em casa onde haja creanças doentes.

Não consentir que alguém tussa ou espirre na nossa comida nem na nossa face.

Não consentir que se escarre no soalho do alojamento ou no chão da barraca.

Pessoalmente não praticar esses actos.

Assoar-se em um lenço, que pode ser fervido, ou em um pedaço de papel, que pôde ser queimado.

Cobrir o rosto com a mão ao tossir ou espirrar.

Quem anda tossindo ou espirrando, deve logo ser mandado ao medico e inscripto na lista dos doentes. E' um individuo perigoso para toda a companhia.

Lavar o nariz á noute sorvendo agua morna com um pouco de sal, principalmente depois de ter respirado muita poeira.

Escovar os dentes depois de cada refeição e antes de ir para a cama.

Não beliscar ou ferir o nariz com as unhas; isso produz feridas onde se desenvolvem os germens.

Atar um lenço cobrindo a bocca e o nariz, quando se levante muita poeira.

Nunca varrer o soalho com uma vassoura secca. Empregar um panno humido, pois assim os germens são apanhados e levados para fóra, em vez de serem espalhados no ar como poeira.

Doenças ha, como a diphteria, que se evitam injectando um antidoto do veneno (toxina) produzido pelo germen, o que se chama *anti-toxina*, em quem esteve em contacto com os individuos atacados.

Doenças que se apanham ingerindo os germens

O intestino é um lugar favoravel para os germens. Os germens de algumas doenças e os de alguns vermes, quando ingeridos, dão-se bem no intestino e d'ahi entram na circulação. Outros ficam mesmo no intestino. O caso é que os germens e os ovos dos vermes são expellidos com as dejeções.

Alguns ovos são ingeridos por animaes e lhes penetram na carne, que se fôr comida mal cozida, produzirá vermes.

A agua como distribuidor de doenças.—Se as dejeções cahem em aguas correntes, os germens vão ter aos encanamentos das cidades e villas ou penetram nos reservatorios e poços. Em muitos logares, na roça, o que desce e se infiltra na terra pelas latrinas, sóbe pelos poços visinhos depois de um percurso subterraneo.

Nem sempre se pôde julgar, pela apparencia, pelo gosto ou pelo cheiro, se uma agua é ruim. A não ser que provenha de um esgoto ou de uma valla, a agua ruim pôde ser clara e brilhante, sem cheiro, de gosto agradável e adocicado.

Evitar a agua de origem desconhecida.—As aguas de origens desconhecidas ou estragadas pelos esgotos, devem ser evitadas como mortaes, mesmo sob a fórmula de gelo, e *semente depois de fervidas* poderão ser usadas para beber, escovar os dentes, lavar saladas e legumes ou as marmitas, etc. Qualquer bebida, principalmente o leite, misturada com gelo ou agua dessa especie é perigosa.

Os vegetaes como distribuidores de doenças.—Em algumas localidades os habitantes usam os cursos d'agua para todos os fins: para beber, para lavar roupa, para o banho, usam tambem como esgoto e lavam as fructas e legumes e os utensilios de mesa com agua da mesma corrente. Se as hortas são irrigadas com essa agua, encontram-se germens nas couves, beterrabas, etc.

Nas ilhas Philippinas, Hawaii e na fronteira do Mexico os quitandeiros chinezes costumam irrigar as suas hortas com excremento humano diluido em agua e, em consequencia, encontram-se germens entre as folhas das couves e alfaces, e nas beterrabas, nos aspargos, rabanetes, etc., mesmo depois de uma lavagem em regra.

Os alimentos, fructas, cigarros e copos como distribuidores de doenças.—Facilmente os germens passam para as mãos das enfermeiras e dos amigos dos doentes e d'ahi para os artigos de alimentação, fructas, cigarros, copos, canecos, etc., especialmente nos logares publicos, de sorte que, comprando nesses logares, o soldado se arrisca a receber com a sua compra uma doença.

A mosca como portadora de doenças.—A mosca commum é um dos peiores e mais nojentos transmissores de doença que existem. As moscas levam os germens das latrinas, escarradei-

ras e quartos de doentes, para a comida que está na mesa, com as suas patas sujas, com as suas dejeções e secreções.

Ninhos de vermes; o cachorro de quartel como distribuidor.—Os porcos, cães e gatos, o gado e os individuos de habitos pouco asseados, especialmente as creanças, estão expostos a ter vermes. Os ovos dos vermes são expellidos e não é raro que se peguem ás mãos e d'ahi passem para a bocca. O cachorro de quartel é, muitas vezes, um distribuidor de vermes. Elle se utiliza da lingua como papel de *toilette* e depois lambe o proprio pello ou as mãos de seus amigos. E' perigoso fazer-lhe festas, a elle ou outro qualquer, dar-lhe as mãos a lamber. Deve-se immediatamente, laval-as.

(Continúa).

A influencia das armas de fogo sobre a tactica e a instrucção da infantaria

(Conclusão)

148. A campanha de 1870/71 foi a primeira em que ambos os adversarios possuíam armas de retrocarga. No começo da guerra a tactica da infantaria, de ambas as partes, ainda não estava sufficientemente amoldada á maior efficacia do fogo. Do lado dos francezes procurava-se tirar partido das vantagens da nova arma exclusivamente pela defensiva; a infantaria allemã ainda entrava no fogo com a tactica que havia dado resultado em face da arma de antecarga: linhas de fogo relativamente fracas, reservas parciaes, fortes e numerosas. A maior rasançia da trajectoria, aliada ao grande gasto de munição resultante da retrocarga, traduzia-se pelo alongamento do campo da luta e pelas grandes perdas das reservas sob o fogo dirigido contra as linhas de atiradores.

A ordem de 19. 8. 70 muda a tactica.

O processo de combate da infantaria allemã passa a mostrar fortes linhas de fogo, maiores frentes de combate, menos reservas parciaes.

149. O ensinamento dessa campanha quanto á tactica de fogo resume-se em que ao alcance do fogo de fortes linhas de atiradores não se podem manter tropas em ordem unida e que a execução de um ataque deve fundar-se exclusivamente na acção do fogo da primeira linha.

150. Mas ainda não se tiraram as necessarias consequencias para a instrucção tactica da infantaria.

Na campanha de 1877 o ataque russo fracassa sob o fogo turco de linhas tenues de atiradores; na guerra sul africana o va-

lor dos inglezes não consegue quebrar a resistencia de um adversario fraco, sem disciplina, incapaz para o ataque.

151. Ahi se evidenciou novamente que em face de um inimigo que saiba fazer valer a efficacia das armas de fogo não pôde ter justificação o dito de Suwaroff: «a bala é louca, a bayoneta é sabia».

Semelhante theoria já havia sido refutada pelo general von Moltke. (Influencia das melhores armas de fogo sobre a tactica). «Pudéssem os combates á bayoneta tantas vezes consignados nos relatorios francezes sobre a campanha de 1859, ser despidos da sua ornamentação dramatica, pudesse ser determinada a singela verdade prosaica, a grande maioria delles teriam que ser rectificadas pela constatação de que sempre o inimigo abalado por perdas mais ou menos grandes se subtrahia ao choque.»

Completando esse asserto, Moltke observa em outro ponto, que o avanço á bayoneta é o ultimo recurso para supplanter o inimigo; o chefe precisa considerar que o ataque á bayoneta não é a primeira, mas a ultima phase do combate.

«Um ataque á bayoneta bem succedido em circumstancias ordinarias, nada mais prova senão o pouco valor da tropa atacada.»

152. A campanha do oriente asiatico tambem não deu indicações novas sobre as formações facticas e a instrucção da infantaria. Ella mostrou apenas, como a guerra sul-africana, o augmento da zona rasada pelo fogo, em consequencia do pequeno calibre das armas novas, o que tambem obriga o atacante a abrir o fogo a distancias ás vezes taes que quasi excedem o poder visual do homem para descobrir os reduzidos alvos. O objecto desse fogo longinquo do atacante não é dominar o defensor, resultado este que só se pôde obter ás distancias onde os inevitaveis erros de sua avaliação não mais se fazem sentir, graças á rasancia dos tiros. Não se pôde contar com a efficacia desse fogo longinquo do atacante; elle se destina sómente, como o fogo do shrapnell, a inquietar os atiradores inimigos e a fazer o seu feixe de balas mais disperso e intermittente.

Pela chegada de projectis á posição e diante della torna-se inquieta a mão dos atiradores mesmo valentes, e nos menos corajosos o *cobrir-se* muda-se em *esconder-se*.

153. O fogo de metralhadoras representa como efficacia um fogo de infantaria em massa muito concentrado em tempo e espaço.

Como consequencia esta arma presta-se excellentemente para auxiliar a infantaria no ataque e na defesa. Não tem por si mesma nenhuma influencia sobre a tactica e a instrucção da infantaria.

154. Como ao tempo de Frederico o Grande, aquelle dos adversarios que se sentir em inferioridade, seja pelo effectivo numerico, ou pelo armamento ou valor de sua tropa, recorre ao terreno e á sua fortificação artificial, para obter um contrapeso á efficacia do fogo inimigo. De novidade só se apresenta o facto de que tambem o atacante utiliza recursos de protecção artificial que attenuem o effecto assolador do fogo.

PROJECTO

de regulamento para os serviço do exercito
em campanha
(R. S. C.)

83.—As ordens e partes importantes devem ser, quanto possivel, transmittidas por officiaes.

Se as ordens ou partes a enviar são muito importantes ou se o caminho a percorrer não offerece segurança, pôde ser necessario expedil-os por diversos portadores e por differentes caminhos. Pelos mesmos motivos, ou devido á grandeza do percurso, pode-se ser obrigado a expedir diversos cavalleiros ou cyclistas que marcharão juntos.

84.—Ao enviar uma ordem ou parte, deve-se calcular onde o destinatario poderá recebê-la, e explicar ao portador a quem e por que itinerario ella deve ser levada; si fôr necessario se lhe fornece um esboço do itinerario a seguir. Deve-se chamar sua attenção para os trechos do caminho especialmente expostos. Em certos casos indica-se a hora em que o despacho deve, o mais tardar, ser entregue ao destinatario. E' preciso indicar sempre aos estafetas onde elles devem ficar depois de cumprida a sua missão.

85.—Os officiaes generaes e superiores têm o direito de tomar conhecimento das communicações conduzidas por estafetas que com elles se cruzam fazendo nellas a respectiva declaração.

86.—Os estafetas não modificam sua andadura ao passarem por um superior. Em caso de perigo imminente, dizem de passagem, em voz alta, aos cdtes. e ás tropas o conteúdo da communicação que levam.

Os cavalleiros indicados para esse serviço devem estar educados em indagar com desembaraço o lugar em que se acha o destinatario da participação ou ordem de que são portadores. Todo official tem obrigação de informal-os exactamente a esse respeito. Os estafetas não apeiam para transmittir as participações ou entregar as ordens.

87.—Toda unidade de tropa tem o dever de auxiliar a transmissão de ordens e comunicações, mesmo quando não seja para isso solicitada, fornecendo, se necessario fôr, nova montada ao portador.

88.—Para as distancias até 20 km, indica-se a velocidade de marcha dos estafetas na capa da comunicação, do seguinte modo:

× o kilometro em 7 a 8 minutos;

×× o kilometro em 5 a 6 minutos;

××× velocidade a maior possível, attendendo á resistencia da montada. Para as grandes distancias, a velocidade é fixada em cada caso particular. O estado do cavallo, o tempo, a natureza das estradas e do terreno pôdem determinar grandes alterações na velocidade.

89.—Se se empregam cyclistas, motocicletas ou automoveis, indica-se de fórmula identica o gráo da velocidade exigida em cada caso, por meio de cruzes.

90.—Para garantir a transmissão rapida de ordens e participações em extensos trajectos onde não exista ligação telegraphica ou telephonica de sufficiente segurança, pôde ser necessario estabelecer linhas de mudas.

Estas linhas sendo tiradas da cavallaria desfalcam a tropa, pelo que só devem ser empregadas quando não se possa fazel-as com cyclistas ou automoveis.

91.—As distancias entre os postos de muda dependem da extensão total da linha, de seu destino bem como do estado dos caminhos. O effectivo de cada posto varia com a duração de seu funcionamento, a intensidade do trafego e a segurança local.

Em circumstancias communs e para grandes percursos, as distancias entre os postos duma linha de mudas de cavallaria são de 15 a 20 km, e de cyclistas, de 30 a 40.

Caso a linha tenha de funcionar durante muito tempo, os postos devem ser rendidos.

92.—As granjas isoladas, junto a estradas, são as melhores estações para postos de muda. Devem-se evitar as povoações maiores sempre que fôr duvidosa a disposição de animo dos habitantes. Como medidas de segurança, podem ser necessarias providencias especiaes, taes como ameaça de multas ás comunidades e tomada de refens.

Colloca-se um homem de sentinella na estrada. O local do posto é assignalado de dia e de noite e deve ser exactamente conhecido pelo posto visinho. Caso passe muito tempo sem transitar portador, o posto deve certificar-se se ainda existe o posto visinho.

Em zonas infestadas por patrulhas inimigas, podem se tambem estabelecer postos de muda occultos, afastados dos caminhos.

93.—O cdte. do posto registra num livro todos os endereços da correspondencia que passa, inclusive a nota da velocidade, a hora e o nome do portador e do seu substituto; este recebe um bilhete-guia, no qual o posto seguinte attesta o recebimento.

Esse registro não deve retardar a transmissão.

94.—Para a transmissão por meio dos recursos technicos de comunicações, vd. 551—553.

Principios geraes para a correspondencia escripta

95.—A forma da correspondencia escripta deve ser a mais simples possível.

96.—As phrases curtas, evitadas as expres-

sões iâ usuaes, facilitam a comprehensão. E' recomendavel relêr, mais de uma vez, o que se escreveu, e collocar-se no ponto de vista do destinatario. Desse modo, achar-se-á em geral uma redacção clara, evitando-se os erros de interpretação.

97.—As expressões «direita», «esquerda», «adiante», «atraz», «aquem», «alem» devem ser empregadas com cautela, e em caso de ambiguidade substituidas pelas direcções dadas pelos pontos cardeaes.

Nas designações «flanco direito» (esquerdo), «ala», «flanco-guarda» suppõe-se sempre que a frente está voltada para o inimigo. Convem designar as columnas de marcha pelo nome de seus cdtes., quando não fôr sufficiente a simples designação dada na ordem de batalha. A testa e a cauda da columna se reportam ao sentido da marcha.

98.—O espaço comprehendido entre tropas, no sentido da profundidade chama-se «distancia», no sentido lateral «intervallo».

99.—As datas são abreviadamente expressas pelos numeros do dia, mez e dos 2 ultimos algarismos do anno: 10. 9. 18.

Os minutos escrevem-se como expoente do numero indicativo da hora: 9⁰⁰; 12⁰⁵; 18¹⁵.

A noite pôde ser indicada pelos numeros dos 2 dias visinhos, separados por um traço obliquo: 15/16. 8. 18. E' preciso cuidado no emprego das expressões: «hoje», «hontem», «amanhã».

100.—E' preciso escrever muito nitidamente os nomes de localidades, copiando-os fielmente da carta; se numa região ha mais de uma localidade com o mesmo nome, é preciso completar a referencia com outra indicação (Capella 3 km a NE. de Rio Claro). Identico recurso se emprega para localidades difficeis de achar na carta.

As localidades que têm mais de um nome ou cujo nome é seguido de uma designação complementar, devem ser referidas com o mesmo por completo (Tres Corações do Rio Verde).

Uma localidade de que se ignora o nome deve ser designada de accordo com a sua situação, referindo-a a pontos notaveis e inconfundiveis do terreno.

101.—As estradas são em regra designadas pelo nome de duas das localidades que ligam. E' preciso especial cuidado na designação de entroncamentos ou cruzamentos de estradas, bem como sahidas de localidades; nem sempre é bastante designar estas pelas direcções cardeaes.

102.—Na maioria dos casos as ordens que se referem ao terreno, devem ser redigidas de accordo com a carta, mesmo que o destinatario não a possúa.

Por isso, só quando se sabe que o destinatario dispõe da mesma carta fazem-se indicações que só com ella possam ser entendidas. Em caso de duvida, menciona-se a carta de que se fez uso.

Em geral, a designação de um ponto pela cõta precisa de uma referencia complementar, pois a mesma pode repetir-se na região (cõta 225, 1 km ao SO. de...).

103.—Na designação de accidentes do terreno, de zonas ou de posições occupadas por tropas, começa-se, sempre pela ala direita das tropas amigas e pela esquerda do inimigo.

104.—Para a designação de commandos e de tropas, podem-se empregar abreviaturas que não dêem lugar a duvida, p. ex.: 4.^a D. E.; 5.^a Br.

A.; 3.^a Br. C.; 6.^o R. I.; 14.^o R. G.; 8.^o R. A.; 43.^o Caç.; 27.^o B. 9.^o R. I.; 5.^o B. E.; 20.^o G. A. (M.); 17.^o G. A. (C.); 10.^o G. J.^o R. A.; 3.^o G. C.; 5.^o C. T.; 3.^o B. Fe.; Cdo., 1.^o, 2.^o B./1.^o R. I.; Cdo., 1.^a, 2.^a/6.^o R. A.; 5.^o G. O.; 1.^a C. M.; C. I. m.; C. S.

105.—Toda a correspondência deve ser escripta com tal clareza que possa ser lida mesmo com iluminação má. Não se devem empregar tintas ou lapis de natureza que a escripta soffra caso se molhe (chuva!).

106.—Os documentos escriptos a lapis que tenham de ser archivados, o destinatario deve fixar previamente os seus caracteres por meio dum liquido apropriado (leite, solução fraca de gomma arabica, etc.).

107.—Para as folhas de avisos a usar pela tropa, emprega-se o modelo junto.

A casa «remettente» não leva o nome, mas a designação do orgão (3.^a D. I. — P. posto n. 2 da 3.^a/52.^o B. Caç. — Patr. off. 4.^o/13.^o R. C.).

O endereço é identicamente abreviado:

«A' 5.^a Br. I.» ou «Ao cdte. da vanguarda».

A assignatura deve ser bem clara, dando nome e posto do remettente. Por ultimo escreve-se o lugar da expedição, a hora e os minutos. O destinatario dá recibo, com declaração da hora.

O papel deve ser consistente, não grosso. Os quarteis-generaes não precisam observar o mesmo modelo; recommendam-se blocos com papel transmissor.

Convem numerar as participações do mesmo remettente (p. posto, patrulha, official de informações, etc.).

Só se fecha o aviso se o seu conteúdo fôr de natureza secreta ou pessoal.

Neste caso é preciso escrever a indicação: «pessoal».

(Continúa)

AGRADECIMENTO

Aos innumerados camaradas que nos têm honrado com cartas e telegrammas de applauso pelas nossas publicações, agradecemos o seu generoso concurso e asseguramos que muito nos conforta a certeza de que estamos interpretando os seus elevados sentimentos.

Os progressos da «A Defeza Nacional»

Com este numero que completa o 5.^o anno a tiragem d'«A Defeza Nacional» é augmentada para 1700 exemplares.

Isso devemos em grande parte á actividade e intelligencia da quasi totalidade dos nossos dignos representantes que, convencidos dos ideaes desta revista militar, não poupam esforços na lucta pela sua causa que é a causa do Exercito.

Folgamos ainda em registrar que tambem a nossa permuta com revistas militares estrangeiras tem augmentado bastante, por iniciativa dessas revistas, surprehendendo a nossa modestia e con-

stituindo um estimulo para todos os que comnosco collaboram.

Encerramos o quinto anno de existencia e, cheios de animo, entraremos no seguinte, procurando, como até agora, applicar todos os recursos que sobraem da formação do nosso pequeno fundo de reserva em trabalhos de reconhecida utilidade, distribuidos em fasciculos como supplementos da revista.

Devemos mais uma vez consignar aqui um agradecimento ás autoridades que nos têm facilitado a impressão da maior parte desses fasciculos. Essas autoridades, depois de verificarem que o assumpto é conveniente para a instrução do Exercito, facilitam-nos a impressão, correndo por conta da revista o preço do papel e dos outros serviços como dobrar, grampear, etc.

A ellas, principalmente, os nossos leitores devem agradecer o serviço que conseguimos prestar; pois, embora «A Defeza Nacional» não proporcione lucros pecuniarios a seus mantenedores, seria impossivel sem esse auxilio realizar taes distribuições gratuitas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Boletín del Ministerio de Guerra y Marina, do Perú — Junho de 1918.

Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia — n.^o 70.

O Sul Rural — n.^o 2 — Revista mensal illustrada, publicada em Porto Alegre.

A 43 — n.^o 9 do mez de Agosto.

Boletín da Sociedade Medico-Cirurgica Militar — Março-Abril 1918.

Instrução de padioleiros.

O Tiro de Guerra — Agosto.

Memorial del Ejercito de Chile — Agosto 1918.

Boletín de Ingenieros — Mexico — Março 1918.

Revista del Centro Militar y Naval — Montevideo — Julho de 1918.

Alvorada, dos alumnos do Collegio Militar de Barbacena.

Batalla do Riachuelo, bella conferencia realzada em 11. 6. ultimo no Theatro Municipal de S. Paulo, pelo Exm.^o Sr. General Barbedo.

Lições de Historia Militar, pelo 1.^o ten. José Joaquim de Andrade, do Curso de Aperfeiçoamento da Instrução de Infantaria.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes que façam no 2.^o oitavo distribuido com o n.^o 59 a corrigenda seguinte: pagina 13 — Enfrenamento — 3.^a linha a contar de baixo, em lugar de «cachaceira» faceira; na fig. 2 representar o suspensorio (na fig. só sahio com a letra e) ligando a faceira á focinheira a cerca de 3mm da argola da junção (d).

*

* *

Está **exgottado** o «Guia para o ensino da tactica».